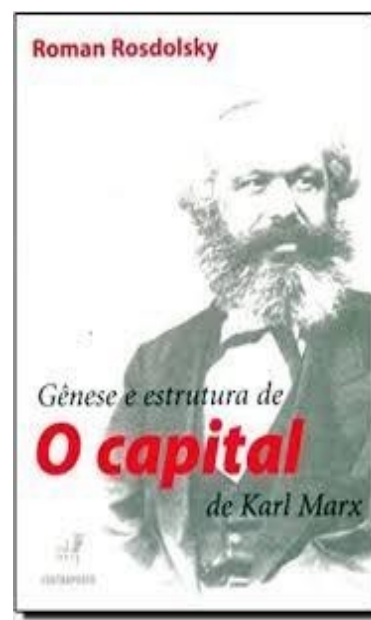


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 02 – 05.01.2021 (republicado em 11.01.2022)

PARTE I – INTRODUÇÃO (continuação)

CAPÍTULO 2 – A ESTRUTURA DA OBRA [*O CAPITAL*] DE MARX

**CAPÍTULO 3 – KARL MARX E O PROBLEMA DO
VALOR DE USO NA ECONOMIA POLÍTICA**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 02

PARTE I – INTRODUÇÃO (continuação)

Capítulo 2 – A estrutura da obra [*O capital*] de Marx [3](#)

Capítulo 3 – Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política [25](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [40](#)

FOLHETO Nº 02¹

PARTE I – INTRODUÇÃO (continuação)

Capítulo 2 – A estrutura da obra [*O capital*] de Marx

No capítulo em comento o autor de *Gênese* trata do planejamento, estrutura e sistematização pensadas e adotadas por Karl Marx para a crítica da economia política capitalista apresentada em sua obra magna, *O capital*.

Com esse intento, Roman Rosdolsky examina os dois planos estruturais elaborados por Marx para a composição dessa crítica: o **plano de 1857 (plano original ou estrutura primitiva)**, cujo conjunto da obra daí decorrente seria composto por seis livros², além de “uma introdução que explicitaria ‘as determinações gerais e abstratas que estão presentes, em grau maior ou menor, em todas as sociedades’”, segundo o desejo do filósofo alemão³, e o **plano de 1865/1866 (plano definitivo ou estrutura modificada)**, constituído por quatro livros⁴. Este último plano deu a forma expositiva da versão publicada e conhecida da obra maior do pensador socialista/comunista alemão.⁵

O intervalo de nove anos de um plano para o outro, de acordo com Roman, reflete um período de “experimentação e de permanente busca da forma expositiva adequada [sob o aspecto metodológico]” do resultado da investigação

1 Articulista: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

2 Livro I *Sobre o capital*; Livro II *Sobre a propriedade da terra*; Livro III *Sobre o trabalho assalariado*; Livro IV *Sobre o Estado*; Livro V *Sobre o comércio exterior* e Livro VI *Sobre o mercado mundial e as crises*.

3 Embora Rosdolsky mencione na página 27 do capítulo dois de *Gênese* que Marx, já em fins de 1858, “desistiu de fazer essa introdução, pois considerava ruim ‘antecipar resultados que deveriam ser demonstrados’” (grifo nosso), do disposto na Nota 4, página 480, desse mesmo capítulo, tendemos a concluir que tal texto se refere ao escrito *Introdução* (à crítica da economia política), redigido em 1857, embora não tenha sido publicado por Marx pelo motivo descrito. Na verdade, onde Rosdolsky menciona “fazer”, na transcrição acima, devemos entender “publicar” (in ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2011). Tal *Introdução* era para ser incluída no livro *Para a crítica da economia política*, publicado em 1859 sem ela.

Jacob Gorender também assenta que o texto em questão diz respeito ao escrito *Introdução* de 1857, mencionando a mesma motivação exposta por Rosdolsky para sua não publicação por Marx. Vale ressaltar, conforme dispusemos no Folheto nº 01 (Capítulo 1), quando tratamos brevemente deste escrito, que *Introdução* continuou como texto inédito até 1903, quando foi publicado pela primeira vez por [Karl J. Kautsky](#) na revista *Die Neue Zeit* (O Novo Tempo) (in MARX, Karl Heinrich. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982, p. XI (Introdução)). Em momento próprio desta “expedição”, como já dito, disponibilizaremos nosso artigo expositivo específico sobre esse importante texto marxiano.

4 Livro I *O processo de produção do capital*; Livro II *O processo de circulação do capital*; Livro III *O processo global da produção capitalista* e Livro IV *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico*. Reparamos que no esquema comparativo entre os dois planos estruturais apresentado na página 60 de *Gênese* (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit.), replicado na Figura 1 *infra*, Rosdolsky não inclui o quarto livro em nenhum dos dois planos, porém, na página 29, quando descreve as duas estruturas, faz constar esse livro no elenco da estrutura definitiva, além de mencionar, desta feita na página 32, uma remissão que Marx fez nos manuscritos de 1861-1863 a um “quarto livro” d’*O capital*.

5 Idem, p. 27 e 28.

marxiana da crítica da economia política capitalista.⁶

Nessa trilha, com a análise dos planos estruturais citados, inferimos que Rosdolsky busca evidenciar a perseguição por Marx pela **coerência metodológica** entre a natureza da crítica que está produzindo e a respectiva estrutura e sistematização expositiva, ou seja, visa evidenciar o exercício intelectual realizado por Marx para encontrar a coerência entre a metodologia adotada na crítica da economia política que empreende e a forma mais adequada, também sob o aspecto metodológico, da sua exposição.

Assim, no capítulo em mostra é examinado o porquê da organização da estrutura primitiva (de 1857) como tal, destacando-se o seu sentido metodológico, quando e em que medida foi modificada e abandonada por Marx, e, por fim, o alcance e os motivos presumíveis para a substituição do plano original pelo plano de 1865/1866.

Na figura abaixo replicamos de “Gênese e estrutura de *O capital*” o esquema descritivo e comparativo dos planos em foco, com as indicações das modificações realizadas no plano original em relação ao definitivo, para em seguida expormos as considerações do autor sobre eles:⁷

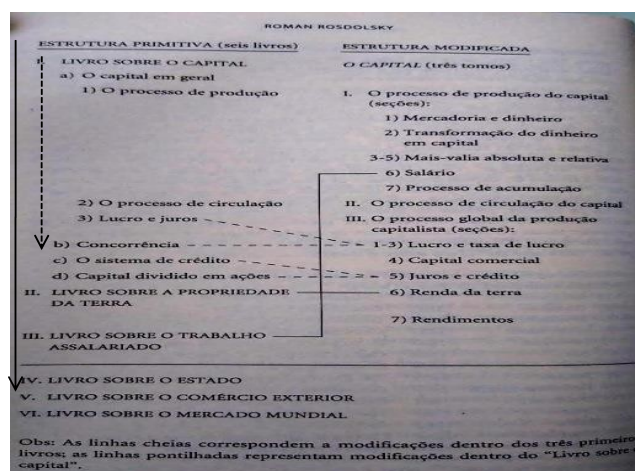


Figura 1 – Esquema comparativo entre a estrutura primitiva (plano original) e a estrutura modificada (plano definitivo) de *O capital*.

A estrutura primitiva ou plano original ou, ainda, plano primitivo (1857)

Ponderando sobre a organização do plano primitivo, restringindo-se aos três primeiros livros (Figura 1, primeira coluna), os quais versam sobre os temas **capital** (Livro I), propriedade da **terra** (Livro II) e **trabalho** assalariado (Livro III)⁸, Roman

6 Ibidem, p. 27. Muito embora a disciplina Economia Política seja o marco teórico da crítica marxiana ao modo de produção capitalista, em torno da qual se situa a análise de Marx contida nas obras objeto de estudo da nossa “expedição”, para um contato inicial com essa disciplina, em nosso texto “Arrazoado e sinopse de *O capital*”, disponibilizado na Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução (item Pensamento econômico), deste [Blog](#), apresentamos em linhas gerais a conceituação e algumas considerações históricas sobre a matéria.

7 Ibidem, p. 60.

8 Na primeira explicação do plano primitivo de 1857, Rosdolsky já desconsidera os três últimos livros previstos inicialmente, o Livro IV *Sobre o Estado*, o Livro V *Sobre o comércio exterior* e o Livro VI *Sobre o mercado mundial*, levando em conta o que Marx já tinha adiantado quanto a relegá-los a um segundo momento, “pelo menos a um deles, aquele sobre o mercado mundial” (momento este, aliás, que nos parece nunca chegou, pelo menos plenamente) (Ibidem, p. 27, 36 e 37). A propósito, fazendo referência ao tema das crises que seria tratado no Livro VI, Roman entende que a teoria de Marx apresenta “lacunas”, no sentido de “que ele mesmo não previra tratar o

Rosdolsky aponta que “[...] Parece evidente” ser no texto marxiano de setembro de 1857, denominado *Introdução* (à crítica da economia política) – onde se encontra a mais extensa e única exposição sistemática sobre a questão do **método** na crítica marxiana da economia política –, que se acha “a primeira explicação para o sentido do plano estrutural original de Marx”.⁹

Adentrando na apreciação do plano original, referindo-se, e também se opondo, a um comum entendimento sobre o que Marx desejava examinar a partir desse plano, Roman Rosdolsky afirma que “**só aparentemente**” (grifo nosso) a estrutura primitiva, considerando os três primeiros livros, coincide com a subdivisão da economia tradicional apoiada nos fatores de produção: terra, trabalho e capital¹⁰.

Na sua crítica da economia política, como veremos, Marx não examina os fatores de produção e tampouco adota a definição dos clássicos para “capital”, que aliás qualifica como “potência econômica” e não como um conjunto de coisas. A crítica da economia política capitalista empreendida por ele não se apoia na categorização tradicional do estudo da Economia.

Marx, diversamente, opera uma análise da **dinâmica** do modo de produção capitalista, propondo-se a construir uma edificação **lógico-metodológica** para nela empreender sua investigação econômica e analisar o **movimento** das categorias que compõem o objeto da sua análise, a **sociedade burguesa**.

Nesse rumo, o filósofo revolucionário alemão preleciona que para se investigar a realidade ou os fenômenos do mundo, no caso, o movimento das categorias e leis econômicas que operam no bojo da sociedade capitalista, a única metodologia científica adequada é partir “**do abstrato ao concreto**” (grifo nosso)¹¹, o que significa, conforme o professor José Paulo Netto, “elevar-se [na análise] do abstrato ao concreto” (ou, ainda, realizar “aproximações sucessivas ao objeto”)¹². Segundo confirma Roman Rosdolsky, citando Marx, esse “é o único método científico adequado para ‘apropriar-se [apoderar(-se), assenhorear(-se)] do concreto [no caso específico, a sociedade burguesa ou

problema em seu nível mais concreto”. Em relação aos demais temas dos livros em causa, Rosdolsky dispõe que “parece que eles não chegaram a ser propriamente ‘abandonados’, permanecendo à espera de um ‘desdobramento eventual’ da obra. Mas como esses temas só são abordados ocasionalmente em *O capital*, parece justificar-se o que se convencionou chamar a ‘teoria das lacunas’” (nessa linha, segundo, ainda, o autor de *Gênese*, temos também a crítica de [Rosa Luxemburgo](#) (1871-1919) exposta em seu livro *Acumulação de capital*). Porém, tal entendimento não é unânime. O economista marxista polonês [Henryk Grossmann](#) (1881-1950), por exemplo, é um dos que “nega a existência de qualquer tipo de ‘lacuna’ em *O capital*” (Ibidem, p. 36 e 37).

9 Ibidem, p. 39 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

10 Aliás, importante já pontuarmos aqui uma questão teórica fundamental. Na subdivisão da economia tradicional, ou [economia clássica](#), focada nos três [fatores de produção](#), *capital* é definido como “qualquer bem econômico” que pode ser utilizado no processo produtivo “para a produção de outros bens ou serviços”, a exemplo do conjunto de máquinas, equipamentos, instalações etc. (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia))). Visto em 31.05.2020). Para Marx, de acordo com sua conceituação de capital, que difere substancialmente daquela da economia tradicional, considerá-lo no sentido da definição dos clássicos não prospera. E isso faz toda a diferença na crítica marxiana da economia política capitalista, conforme discutimos de modo introdutivo em nosso texto “Arrazoado e sinopse de *O capital*”, publicado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx* (item *Pensamento econômico*), deste [Blog](#).

11 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 39.

12 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>. (videoaula, minutagem: 2:33:00h e seguintes). Visto em 31.05.2020.

capitalista], reproduzindo-o como um concreto pensado”¹³.

Em Karl Marx, “[...] O concreto é concreto porque é a síntese de **múltiplas determinações** e, portanto, a unidade do diverso”¹⁴ (grifo nosso). Nesse sentido, afirma o professor José Paulo Netto: “[...] quanto mais determinações o investigador é capaz de alcançar pela **abstração** do seu objeto de estudo, mais ele terá a concreção desse objeto” (grifo nosso), mais ele se aproxima da concretude do objeto¹⁵.

Abstraindo-se, o investigador é capaz de superar a imediatez do objeto. Assim, “arranca ou extrai dele seus traços pertinentes, as suas determinações, não pondo nada de fora no objeto”. Quanto mais o investigador realiza determinações abstratas sobre o objeto, “mais se aproxima do concreto de que o objeto é expressão, mas que [por si só] não se manifesta como tal. O investigador tem que descobrir esse concreto”¹⁶.

Na teoria marxiana, portanto, prossegue Netto, “o abstrato é aquilo que está despido ou pobre de determinações, tanto mais concreto é aquilo que se põe como uma riqueza máxima de determinações. Embora no real o concreto já esteja dado, ele não está compreendido ou apreendido”.

Por isso, aponta Roman Rosdolsky, mais uma vez citando Marx, “[...] o pensamento só pode compreender plenamente o concreto ‘em um processo de síntese’, ou seja, pela reconstrução progressiva do concreto a partir de suas determinações abstratas mais simples”, em relação às quais se deve conhecer os elementos que nelas repousam, que, por sua vez, pressupõem outros elementos abstratos.¹⁷

Continua o autor de *Gênese*: “[...] Se a análise científica (econômica, no caso) começa diretamente ‘pelo real e concreto’, pelas próprias ‘condições reais’ – por exemplo, a população ou o mercado mundial –, só poderá enxergar uma imagem difusa e totalmente indefinida da realidade”. De outro modo, seguindo-se com o exemplo de Marx destacado por Rosdolsky, para se fazer uma análise cientificamente adequada de uma população, sob o prisma da economia, necessário não deixar de lado sua abstração menos complexa, isto é, as classes sociais que a compõem (que correspondem a sua determinação abstrata mais simples).

Sem elas, avança Marx, “a população é uma abstração”, pois deixa-se de lado, no caso, “as classes de que se compõe”. Entretanto, “[...] Essas classes, por sua vez, são uma palavra oca se desconheço os elementos sobre os quais repousam, como por exemplo

13 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 39.

14 Idem, p. 39. No exame da referida construção lógico-metodológica aplicada por Karl Marx em sua investigação econômica, Roman vai revelando vários momentos da anunciada influência de Hegel em Marx (conforme anotamos em diversas passagens do Folheto nº 01), e esse é mais um deles (Ibidem, p. 484 (Nota 59)).

15 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 2:33:00h e seguintes). Visto em 31.05.2020.

16 Idem (videoaula, minutagem: 2:33:00h e seguintes). Ibidem em relação à redação do próximo parágrafo. José Paulo, na videoaula e minutagem referenciadas, clarificando o que afirma, usa como exemplo uma “cadeira de sala de aula” para explicar que, para Marx, a cadeira por si só, assim como as pessoas a veem, é um *abstratum* e não um *concretum*. Só se torna *concretum* na medida em que se aplica a ela determinações que a caracterize como uma cadeira de sala de aula, e não como uma cadeira de sala de jantar (a saber: como essa cadeira chegou até ali, com se deu a sua aquisição (houve licitação, não houve?), quem a fabricou, como se deu o processo de fabricação, quais os materiais e técnicas utilizadas para sua produção, como se dá a relação de trabalho que a originou? etc.).

17 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 39 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

o trabalho assalariado, o capital etc. Estes últimos pressupõem a troca, a divisão de trabalho, o capital etc.” (que equivalem a outros elementos abstratos). Assim, o que Marx quer dizer é que se a análise econômica de uma população comesse e terminasse por ela própria, ter-se-ia uma representação falha e “caótica” do conjunto populacional.

Nessa linha, como nos mostra Rosdolsky, o plano original de sistematização da crítica marxiana da economia capitalista foi concebido considerando um “processo de síntese”. Isto é, o exame dos fenômenos ali investigados segue o processo de “passagem do abstrato ao concreto”, cujo investigador em sua análise, efetuando-a “repetidamente”, realiza uma contínua “viagem de volta” até reencontrar novamente o concreto (o que, no exemplo do parágrafo anterior, seria a população em análise). O resultado disso é a obtenção de “[...] uma rica” representação “da **totalidade** com **múltiplas determinações e relações**”¹⁸ (grifo nosso), cuja representação, digo eu, de acordo com o exemplo utilizado no parágrafo anterior, seria uma população dividida entre as classes sociais A, B, C ..., configuradas, por sua vez, por distintos tipos de rendimentos, de condições e meios de vida, de graus de instrução etc., e não mais “[...] a representação caótica de um conjunto”.¹⁹

Na passagem acima, Rosdolsky revela e esclarece que o plano de 1857, o que se repetiria no plano definitivo d’*O capital* (1865/66), como veremos, “segue o caminho que parte de determinações abstratas na direção do concreto”.²⁰

Em um resumo da íntegra do plano original de Marx, a partir do ilustrado na Figura 1 supra, primeira coluna, seguindo-se a seta contínua (incluída por nós), transcrevemos o que assinala Roman Rosdolsky:

“[...] a investigação [da economia capitalista] parte das categorias gerais (valor de troca, dinheiro, preço) para chegar, através da análise da ‘estrutura interna da produção’ – das categorias do capital [Livro I], da propriedade da terra [Livro II] e do trabalho assalariado [Livro III] – à síntese da sociedade burguesa na forma do Estado [Livro IV]. [...] No entanto, este não é o último passo da concretização. Pois a economia nacional deve ser concebida também em suas relações com o exterior, com outras nações capitalistas (e não capitalistas), e, ao fim e ao cabo, como parte de um todo mais amplo, que compreenda o conjunto dos países

18 Chamamos a atenção para o termo “totalidade” mencionado no parágrafo em Nota quase que despercebidamente. Trata-se, no entanto, de uma categoria filosófica central do método dialético marxiano. De acordo com o filósofo marxista soviético [Evald Vasilievich Ilyenkov](https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialeitica/03.htm) (1924-1979), recorrendo sobre a definição marxiana do *concreto* como a “unidade da diversidade”, Karl Marx aproxima essa concepção do concreto com o conceito de *integridade* ou *totalidade*. Nesse sentido, para Marx, segundo a compreensão de Evald, a *totalidade* então seria a caracterização do objeto “[...] como *um todo integral unificado* em todas suas diversas manifestações, como um ‘sistema orgânico’ de fenômenos mutuamente condicionados em contradição a uma concepção metafísica dele como um aglomerado mecânico de partes constituintes imutáveis que são vinculados um ao outro somente externamente, mais ou menos de forma acidental” (in *A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx*. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialeitica/03.htm>. Consultado em 10.01.2022). Mais sobre essa categoria fundamental no método dialético marxiano, veja o artigo de Edmilson Carvalho, *A totalidade como categoria central da dialética marxista*. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>. Consultado em 10.01.2022.

19 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 40 e 39.

20 Idem, p. 40 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

[Livro V]. Só então chegamos à categoria do mercado mundial e da economia mundial [Livro VI] como uma 'rica totalidade com múltiplas determinações e relações'".

E esse processo, "de elevar-se do abstrato ao concreto", como pregava Marx, continua Rosdolsky, acontece também em relação ao Livro I *Sobre o capital*. "Nele", conforme podemos observar na referida Figura 1 (primeira coluna), desta feita pelo destaque da seta pontilhada (igualmente por nós incluída), "Marx começa com o 'capital em geral' [seção a] para chegar, através do exame da concorrência [seção b] e do sistema de crédito [seção c], à forma mais acabada que o capital assume, o capital dividido em ações [seção d]".

Fazendo uma alusão conclusiva ao plano original como um todo, o autor de *Gênese* profere que, para Marx, "[...] o método cientificamente correto na economia política deve elevar-se 'a partir do simples – trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca (Livros I, II e III) até o Estado, o comércio entre as nações e o mercado mundial' (Livros IV, V e VI), para poder examinar o desenvolvimento do modo de produção capitalista como uma totalidade orgânica" – seguindo o caminho que parte das determinações abstratas na direção do concreto, como já salientado.²¹

E esse caminho – "um processo de síntese, efetuando repetidamente a 'passagem do abstrato ao concreto'" –, **Marx também seguiria na estrutura modificada**, isto é, no plano definitivo (de 1865/1866), embora com uma outra sistemática quantitativa e qualitativa de agrupamento temático.²²

Assim, o que distingue a estrutura do plano inicial de uma subdivisão convencional baseada nos fatores de produção (terra, trabalho e capital), mencionada anteriormente, "é a consideração da economia burguesa [capitalista] como um '**todo orgânico**' [uma totalidade]" (grifo nosso), isto é, "o 'predomínio multifacético e determinante do todo sobre as partes'", finaliza Roman citando o filósofo e historiador marxista húngaro Luckács²³.

Repare que este "todo orgânico" Marx busca a partir do exame do **capital**, identificado por ele como a "**potência econômica**" (grifo nosso) que predomina sobre toda a sociedade capitalista. Nesse sentido, a categoria capital, como já conceituamos em nosso texto "Arrazoado e sinopse de *O capital*"²⁴, é entendida, de acordo com David Harvey, na trilha de Marx, "como um **processo** [movimento] e não como uma coisa" (grifo do autor). Sendo, pois, "[...] Um **fluxo contínuo de valor** transitando

21 Ibidem, p. 39 e 40.

22 Ibidem, p. 40 (Ibidem para a redação do parágrafo seguinte).

23 Esse traço metodológico, para o qual o autor de *Gênese* chama a atenção, está muito distante "do método da economia burguesa, que estabelece uma vinculação exterior entre os fenômenos econômicos!" (Ibidem, p. 40), método este orientado "a partir de um ponto de vista empírico", que toma como objeto de análise "o mundo dos fenômenos imediatamente dados", o que implica em considerar, digo eu, a subdivisão da economia tradicional com base nos fatores de produção – terra, trabalho e capital (Ibidem, p. 38).

Sobre o filósofo húngaro citado no parágrafo em Nota, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.

24 Disponibilizado na Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução (item Pensamento econômico), deste [Blog](#).

por diferentes estados" (grifo nosso)²⁵ ou formas (capital-dinheiro, capital-produtivo e capital-mercadoria²⁶). Se não, vejamos.

Justificando a análise das categorias econômicas do modo de produção capitalista primeiramente pelo capital, Marx assenta que seria "impraticável e errôneo" considerar as "categorias econômicas na ordem em que elas foram historicamente determinantes [terra, trabalho e capital]"²⁷. Poderia parecer, continua o filósofo d'*O capital*, "[...] ser mais natural, por exemplo, começar pela renda da terra, a propriedade fundiária, pois ela está ligada à terra, fonte de toda produção e de toda a existência, a primeira forma de produção de todas as sociedades mais ou menos estáveis: a agricultura. Entretanto, nada seria mais equivocado"²⁸. Marx explica:

"A ordem em que se sucedem está determinada pelas relações que existem entre elas na moderna sociedade burguesa [capital, terra e trabalho], e que é exatamente a inversa da que parece ser sua ordem natural ou da que corresponde à sua ordem de sucessão no curso do desenvolvimento histórico [terra, trabalho e capital]"²⁹. [...] Pois, em todas as formas de sociedade, uma determinada produção e as relações que ela engendra conferem a todas as outras produções e relações seu lugar e sua importância"³⁰.

O que se observa, segundo Rosdolsky na sempre companhia de Marx, é que "[...] No modo de produção capitalista, a agricultura se converte cada vez mais em um ramo da indústria, e como tal submete-se ao capital". Exatamente por isso, "no exame teórico da ordem social burguesa [ou do capitalismo], o **capital**, na condição de '**potência econômica** que predomina sobre toda a sociedade burguesa', constitui '**o ponto de partida** e o **ponto de chegada**, devendo ser analisado antes da propriedade da terra'. (Só 'quando ambos tenham sido analisados separadamente devemos analisar sua relação recíproca')" (grifo nosso).

Muito embora Karl Marx trate aparentemente dos fatores de produção, Roman Rosdolsky esclarece, ao contrário mesmo do que pode assemelhar, e isso é de

25 HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014, p. 19.

26 O *capital-dinheiro* é a forma em que se transforma o dinheiro quando aplicado produtivamente. O *capital-produtivo* é constituído da mão de obra para fazer a fábrica funcionar, da matéria-prima, a exemplo de couro, pregos, cola etc., e da energia necessária para viabilizar a confecção do produto final, sapatos, por exemplo; bem como dos equipamentos (máquinas, prédio etc.) que a mão de obra utilizará ou fará uso para transformar a matéria-prima. Já o *capital-mercadoria* é o produto ou mercadoria final: em nosso exemplo, os sapatos (*in* DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT. Consultado em 31.05.2020).

27 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 40. As palavras de Marx reproduzidas no parágrafo em Nota foram extraídas por Rosdolsky do texto marxiano *Introdução* (à crítica da economia política), de 1857.

28 Idem, p. 41.

29 Ibidem, p. 40. Repare que, sob a ótica marxiana, a ordem das categorias econômicas em causa, os fatores de produção, que Marx chama de "forças materiais operantes na produção", assume a seguinte sequência: capital, terra e trabalho. Diferentemente de como se dá na economia clássica onde são considerados na seguinte ordem: terra, trabalho e capital. Mas essa diferença, digo eu, não é uma mera consideração arbitrária, ela é metodológica e qualitativa, ou seja, diz respeito à determinação econômica de cada uma delas no desenvolvimento dos modos de produção historicamente situados e à conceituação e papel que Marx lhes confere.

30 Ibidem, p. 41 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

fundamental importância, que Marx “[...] se interessa por conceber as formas em que a distribuição [de rendimentos] se manifesta” (grifo nosso), ou seja, se interessa pelas **relações de distribuição de rendimentos** predominantes no âmbito do modo de produção capitalista. Ele “as considera o reverso necessário das relações de produção”.³¹

Melhor dizendo. O que o filósofo revolucionário alemão deseja, na verdade, é investigar e demonstrar as **condições econômicas** de existência das **três grandes classes** em que a sociedade burguesa moderna desenvolvida se divide – as **classes fundiária, capitalista e trabalhadora** –, sendo que tais classes “correspondem às **três grandes formas de rendimentos** (renda da terra, lucro e salário) e que, da existência dessas classes, decorre necessariamente uma **luta de classes**, resultado real e evidente do período capitalista” (grifo nosso).³²

Logo, Marx **não investiga os fatores de produção** pura e simplesmente (terra, trabalho e capital), mas sim as **relações de distribuição de rendimentos** forjadas das categorias capital, propriedade da terra e trabalho assalariado, que desemboca na consideração das três grandes classes operantes na sociedade burguesa ou capitalista. Também aqui, conforme Rosdolsky, “se pode comprovar uma ampla concordância entre o plano inicial e o definitivo”.³³

Portanto, para Karl Marx, a distribuição do produto da economia “depende da ‘distribuição dos elementos de produção’, da ‘separação entre a força de trabalho, mercadoria do trabalhador, e os meios de produção, propriedade de não trabalhadores’”. Em Marx, “[...] A distribuição do produto é apenas um resultado dessa distribuição que está embutida no próprio processo de produção e determina a organização da produção”.³⁴

A par do intento de Marx “de investigar ‘as condições econômicas de existência das três grandes classes em que a sociedade burguesa moderna se divide’, Rosdolsky põe a seguinte indagação para ir atrás das respostas: “[...] O que determina essa diferenciação das classes da sociedade burguesa?”. Ou, “[...] o que faz com que os trabalhadores assalariados, capitalistas e proprietários fundiários sejam as três grandes classes sociais [da sociedade capitalista]?”.³⁵

De acordo com o que extraímos de *Gênese*, o surgimento das três grandes classes sociais do capitalismo está necessariamente vinculado à separação entre “os verdadeiros produtores e os meios de produção”. Por conta dessa separação, “o valor criado pelo trabalho anual agregado se divide em três partes, que assumem três formas diferentes de rendimentos [lucro/juro, renda da terra e salário] e constituem a renda

31 Ibidem, p. 42.

32 Ibidem, p. 42 e 43.

33 Ibidem, p. 43. Aliás, de acordo com Rosdolsky, em relação à forma trinitária clássica dos fatores de produção, Marx demonstrou que ela “mistura sem o menor escrúpulo as formas sociais da produção, historicamente determinadas, com elementos materiais do processo de trabalho real”, e, por ser assim, “aparece desenvolvida ‘a mistificação do modo capitalista de produção, a reificação [coisificação] das relações sociais’”. Para compor essa assertiva, Marx utiliza a agricultura como exemplo, citando os elementos “autônomos” e “cooperantes” que a compõem no “processo de criação de valor” (como “o agricultor, os bois, o arado e a terra”, que “colaboram harmoniosamente no processo de trabalho real, não obstante sua diversidade” (Ibidem, p. 41).

34 Ibidem, p. 42.

35 Ibidem, p. 43.

anual de três classes sociais” que se formam a partir daí: “os capitalistas, os proprietários fundiários e os trabalhadores [assalariados]”.³⁶

Portanto, diz Marx, “[...] estas são as relações ou formas de distribuição [da economia capitalista], pois expressam as proporções em que o novo valor global gerado [na economia] se distribui entre os possuidores das diferentes forças materiais operantes na produção [o lucro/juro do capital ao capitalista; a renda da terra ao proprietário fundiário e a remuneração do trabalho (salário) ao trabalhador assalariado]”.

Como indicado nos parágrafos antecedentes, essas formas de distribuição só existem porque dependem da **modificação** produzida pelo modo de produção capitalista sobre os “**elementos de produção**” (as forças materiais operantes na produção) e da “**separação** entre a força de trabalho, mercadoria do trabalhador, e os meios de produção, propriedade de não trabalhadores [de cujo afastamento surge o capitalista – novo proprietário dos meios de produção – e o trabalhador assalariado – doravante, não proprietário dos meios de produção e de vida]” (grifo nosso).

Com isso, Marx quer demonstrar, como já dito, que as “três grandes classes da sociedade capitalista desenvolvida (proprietários fundiários, capitalistas e assalariados) correspondem às três grandes formas de rendimentos (renda da terra, lucro/juros e salário) e que, da existência dessas classes, decorre necessariamente uma luta de classes, resultado real e evidente do período capitalista” (grifo nosso).³⁷

Por assim ser, digo eu, Marx passa longe da análise dos “economistas burgueses” convencionais que examinam a economia a partir dos três fatores de produção (terra, trabalho e capital). Marx, ao contrário, concentra-se nas formas de distribuição do valor global gerado na economia, ao tempo que elabora um conceito singular para capital, como mencionado em passagem anterior³⁸.

Do exposto deriva outra indagação: especificamente no caso dos trabalhadores assalariados e dos capitalistas, o que faz com que ambos sejam os novos componentes das grandes classes sociais do capitalismo? Marx tem a resposta: seria “**suas funções no processo de produção**” (grifo nosso)³⁹. Com isso detecta a existência de “classes sociais com funções econômicas”⁴⁰.

Nesse rumo, Rosdolsky avalia que sem a presença do trabalho assalariado “a ordem social capitalista seria inimaginável. Para valorizar-se, o capital deve encontrar constantemente uma classe de pessoas que não possuem meio de produção [e de vida] e que, por isso, só ao preço de realizar um mais-trabalho⁴¹ conseguem obter uma

36 Ibidem, p. 42 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

37 Ibidem, p. 42 e 43. Da categoria [luta de classes](#) tratamos em nosso texto “Burguesia, Proletariado, Luta de classes e Ditadura do proletariado”, disponibilizado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *O universo marxiano, principais conceitos*), deste [Blog](#).

38 Ibidem, p. 42.

39 Ibidem, p. 43.

40 Ibidem, p. 485 (Nota 81).

41 Sobre a categoria marxiana do [mais-trabalho](#), reveja o texto “Arrazoado e sinopse de *O capital*”, já mencionado em Nota anterior.

participação no valor que criam".⁴²

Em relação à função do capitalista [no caso da época, o industrial], Marx escreveu:

"Considero [...] o capitalista como um funcionário necessário da produção capitalista [seu dirigente] e mostro minuciosamente que ele não só 'retira' ou 'expropria' mas também cria as condições para a produção da mais-valia⁴³. Primeiro ajuda a criá-la, para em seguida retê-la; além disso, demonstro detalhadamente que na troca de mercadorias só se trocam equivalentes, [...] o capitalista, quando paga ao trabalhador o valor real de sua força de trabalho, ganha pleno direito à mais-valia, segundo o direito que corresponde a esse modo de produção".

"O capitalista", prossegue Marx, "é o explorador direto dos operários. Não só se apropria diretamente da mais-valia, como – também diretamente – cria as condições para que ela exista. Como, para o capitalista industrial, isso só pode ocorrer através do (e no) processo de produção, ele próprio é o funcionário dessa produção, seu dirigente".⁴⁴

Assim sendo, como o "trabalho objetivado e o trabalho vivo [...]", comandado pelo capitalista, constituem, segundo Marx, "os dois fatores sobre os quais repousa a produção capitalista e o trabalho assalariado", eles (o capitalista detentor do capital e o trabalhador assalariado possuidor da força de trabalho) são "os únicos funcionários e fatores de produção cuja relação e cujo enfrentamento nascem da **essência** do modo de produção capitalista" (grifo nosso).⁴⁵

42 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 43 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

43 Sobre *mais-valia* (ou *mais-valor*), reveja também o citado texto "Arrazoados e sinopse de *O capital*".

44 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 43 e 44. Ressalta-se que Marx, mais adiante, em 1863, apontou que "A própria produção capitalista separou totalmente o trabalho de direção e a propriedade do capital, próprio ou alheio. Deixou de ser útil que os capitalistas realizem esse trabalho de direção. Na realidade, ele existe separado do capital, não na separação entre capitalistas industriais e capitalistas financeiros, mas na separação entre dirigentes industriais etc., e toda a classe capitalista". Como destaca Marx, desta feita já em *O capital*, no Livro III - *O processo global da produção capitalista*, transformações do gênero acontecerão ao longo do tempo, a exemplo do surgimento de capitalistas oriundos da "transformação dos proprietários de capital em simples proprietários, em capitalistas rentistas" e também da "transformação do capitalista ativo em diretor, administrador do capital alheio [*manager* ou executivo]", todos surgidos da "formação das sociedades anônimas" (Idem, p. 486 (Nota 85)).

45 Ibidem, p. 44.

Tratemos sucintamente dos tipos de trabalho mencionados no parágrafo em Nota: *trabalho objetivado* e *trabalho vivo*. Começamos pelo trabalho objetivado: "O trabalho é uma atividade processual de objetivação. Logo, pode-se afirmar que é um processo de objetivação em que há transformação. Nele, *alguma coisa é transformada em outra coisa e, no final do processo, o trabalho aparece objetivado*. Ou seja, aquilo que era potência se objetiva. Com efeito, 'o trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado'. Aquilo que aparecia como movimento, como processo, se manifesta 'como qualidade imóvel, na forma do ser' [o produto final do trabalho realizado]. Mas 'há uma diferença entre o produto do trabalho e o processo de trabalho. No produto o processo está extinto. Isso não significa que o trabalho tenha desaparecido. Ele se objetivou. No processo de trabalho, por meio da objetivação, o ser humano atua e transforma uma ideiação prévia'. O importante, para Marx, porém, não é o resultado da objetivação *per se*. O centro do trabalho é o processo de objetivação" (grifo nosso) (in PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248&%3A~%3Atext=Logo%2C%20pode-se%20afirmar%20que%2Cse%20incorporou%20a%20seu%20objeto. Consultado em 07.12.2020).

Sobre o *trabalho vivo*, vamos ao que dispõe Marx na obra *Contribuição à crítica da economia política* (1859). Nela, Marx "define o trabalho como 'atividade útil para a apropriação das matérias naturais sob uma ou outra forma'", sendo "definível ao mesmo tempo como 'condição natural da existência do homem' e 'condição das trocas

Decerto, prossegue Roman replicando Marx, “[...] a relação entre capital e trabalho assalariado determina o caráter do modo de produção. Como tais, os principais agentes deste modo de produção, o capitalista e o assalariado, são apenas encarnações, personificações, do capital e do trabalho assalariado, expressando caracteres sociais que o processo social de produção estampa nos indivíduos; são produtos dessas relações de produção”.⁴⁶

Mas, e o proprietário fundiário? O que faz com que seja também um integrante das três grandes classes sociais do modo de produção capitalista?⁴⁷

Não resta dúvida que o proprietário fundiário “foi ‘um funcionário essencial’” para o modo de produção do “mundo antigo e medieval”. Daí a concordância de Marx com os economistas clássicos, especialmente com David Ricardo⁴⁸, quando partem

orgânicas entre o homem e a natureza’. Esse processo de apropriação dos objetos exteriores para a satisfação das necessidades do homem – ou seja, da produção dos [valores de uso](#) que contribuem para a manutenção e o crescimento da vida – em que consiste o ‘trabalho vivo’ constitui, segundo Marx, ‘uma necessidade física da vida humana’. O trabalho vivo preserva assim um ‘contato natural com os elementos materiais (as matérias-primas e os instrumentos da produção) de sua existência’ que ele transforma em elementos constitutivos de sua própria dinâmica: ‘enquanto ele é útil, [...] é atividade produtiva; o trabalho, por seu simples contato com os meios de produção, ressuscita-os de dentre os mortos, faz deles os fatores de seu próprio movimento’” (grifo nosso) (in HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006. Consultado em 07.12.2020). O trabalho vivo em Marx é representado pelo [capital variável](#), sendo que este “representa o valor da força de trabalho, a qual, como já foi referido, cria, no processo produtivo, uma quantidade de valor superior ao seu próprio valor, pelo que, o capital variável é *trabalho vivo*, porque *varia* durante esse processo produtivo, levando a que o capital total se valorize através da criação de mais-valia”. Ensina Marx: “A parte do capital convertida em força de trabalho em contraposição muda o seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu chamo-a, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável” (in DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Econômica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>, p. 20. Consultado em 07.12.2020). Embora não citado no parágrafo em Nota, ainda com o apoio de Donário e Santos, oportuno discorrermos um pouco sobre outro tipo de trabalho da análise marxiana: *trabalho morto*. O denominado “trabalho morto” é representado pelo “[capital constante](#), cristalizado e acumulado nos meios e instrumentos de produção, nomeadamente, nas matérias-primas e nas amortizações do capital fixo. Este capital, que constitui o trabalho cristalizado nas mercadorias em processos produtivos passados, é utilizado no processo produtivo actual, apenas transmite o seu valor às novas mercadorias, mas não cria novo valor”. Diz Marx: “A parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção”. A essa parte do capital, parcela que representa o trabalho morto, Marx o chama de “a parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante” (Idem, p. 20. Consultado em 07.12.2020).

46 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 486 (Nota 86).

47 Idem, p. 44 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

48 David Ricardo (1772-1823) foi um dos mais influentes e importantes expoentes da [economia política clássica britânica](#). Ricardo exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas [neoclássicos](#) como sobre a crítica econômica de Marx, com destaque, em relação a este último, para a [teoria do valor-trabalho](#) ricardiana. Os temas abordados em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho (considerando que o valor econômico de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho que, em média, é necessário para produzi-la), a teoria da distribuição (analisando as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional (demonstrando que duas nações podem se beneficiar mutuamente do comércio livre, mesmo que uma seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial) e temas monetários (sugerindo, por exemplo, que, em certas circunstâncias, a escolha entre financiar as despesas através de impostos ou através do deficit não terá efeito na economia), além do desenvolvimento da teoria da renda da terra (assinalando que quanto mais terras de menor fertilidade fossem trabalhadas, via agricultura, menor seriam as rendas da economia como um todo, via lucros). A destacada *teoria do valor-trabalho* de David Ricardo, bem como os demais temas mencionados acima, está presente em sua grande obra *Princípios de Economia Política e Tributação* (1817). Importante mencionar já nesta oportunidade, em vista do papel central que desempenha na construção da crítica de Marx à economia política

“da divisão dual entre capitalistas e trabalhador assalariado” para caracterização do capitalismo, “admitindo o proprietário fundiário como um fenômeno especial posterior”.

Entretanto, conforme Roman Rosdolsky, sempre ancorado em Marx, “[...] o fato de o latifundiário não ser ‘um agente necessário da produção capitalista’ não permite concluir que ele seja desnecessário para a existência desse modo de produção, ou que o modo de produção capitalista pudesse ter surgido e se desenvolvido sem que existisse a propriedade da terra”. Muito pelo contrário.

É certo que, “[...]. Se a terra estivesse livre, ‘à disposição de qualquer um, faltaria um elemento fundamental para a formação do capital’”, ou seja, “[...] ‘a propriedade privada da terra [...] – a propriedade privada da terra por parte de uns, o que implica a não propriedade por parte de outros’”. Sem esse elemento fundamental para a formação do capital, este “meio essencial de produção [a terra] – com exceção do homem e de seu próprio trabalho, único meio original de produção – não poderia ter sido apropriado, e desse modo o trabalhador não seria forçado a se converter em trabalhador assalariado”.

Dessa maneira, “[...] A produtividade do trabalho [...], no sentido capitalista, ou seja, a ‘produção’ de trabalho alheio não pago [mais-valia], tornar-se-ia impossível”. Por isso, prossegue Rosdolsky, “a transformação das condições de trabalho em capital pressupõe ‘que os produtores diretos sejam expropriados da terra’, [...] pressupõe ‘uma determinada forma de propriedade da terra’”.⁴⁹

Por essa ótica, a propriedade privada da terra “é o **fundamento do modo capitalista de produção**” (grifo nosso). O capital “não pode existir sem a propriedade da terra”. Mas não a propriedade privada da terra nos moldes feudais, por exemplo. Necessário moldar esta propriedade, pois ela “**preexiste**” (grifo nosso) à produção capitalista. Imperativo “subordinar” a sua atividade produtiva, “a agricultura”, por exemplo, “ao capital”. A propriedade da terra, então, “ganha sua forma puramente econômica ao despojar-se de todos os seus adereços políticos e sociais anteriores [do mundo antigo e medieval]”, reduzindo-se à categoria de renda capitalista da terra⁵⁰”.

capitalista, que no tocante à teoria do valor-trabalho ricardiana, sendo ao mesmo tempo um grande crítico e um teórico que procurou compreendê-la por outras perspectivas, Karl Marx a analisa tanto em seu aspecto quantitativo (quantidade de trabalho colocado na mercadoria) quanto qualitativo (condição em que o produto do trabalho humano (sua “capacidade de trabalho”) assume a forma valor), e, por isso, caracteriza a [força de trabalho](#) como [mercadoria](#). Tal visão foi aprimorada por Marx em suas obras de economia política, com destaque para *O capital*, especialmente no Livro I - *O processo de produção do capital*, como veremos no decorrer da nossa **Expedição Karl Marx** (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria do valor-trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho). Consultados em 24.05.2020).

49 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 44 e 45 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

50 O “capital”, além de criar “uma forma peculiar de riqueza, o valor baseado no trabalho”, também cria o que se denominou da *nova renda da terra*, quando atribui “valor aos agentes naturais (terras agricultáveis, quedas d’água, minas etc.), que não são”, neste estado, “produto do trabalho, mas que ‘são objeto de apropriação, tendo por isso valor de troca, entrando assim no cálculo dos custos de produção’. [...] A moderna renda da terra é uma criação específica do capital, a única criação em que ele faz surgir um ‘valor diferente de si mesmo, de sua própria produção’” (Ibidem, p. 46). Diz Rosdolsky, “[...] É certo que ‘a propriedade privada de objetos naturais’ não é ‘uma fonte da qual brote o valor, já que o valor é igual a tempo de trabalho objetivado, nem tampouco é uma fonte da qual brote mais-valia [...]’. Mas essa propriedade é uma fonte de renda [...], uma imposição de receber trabalho não pago, trabalho gratuito [...]’. O proprietário latifundiário possui ‘na propriedade do solo (condição para a [renda absoluta](#)) e na diversidade natural dos tipos de solo (condição para a [renda diferencial](#)) um título que lhe

Ao desenvolver o argumento sobre ser a propriedade privada da terra o fundamento do modo de produção capitalista, Karl Marx caracteriza, em termos metodológicos, a passagem **do capital à propriedade da terra**, ou, digo eu, a passagem da propriedade privada tradicional para uma propriedade privada capitalista, como um processo **histórico** e também **dialético**.⁵¹

De um lado, é processo histórico, “[...] pois a moderna forma de propriedade territorial é um produto da ação do capital sobre a propriedade feudal etc. [...] O produto final da propriedade da terra [sob o modo de produção capitalista] é a generalização do trabalho assalariado, que se torna a base de tudo”.⁵²

Do outro, é processo dialético, pois, considerando que o capital (**tese**) não pode existir sem a propriedade da terra (**antítese**), para que o capital exista, essa propriedade da terra ganha uma forma puramente econômica, subordinando ao capital a atividade produtiva que nela se desenvolve (a exemplo da agricultura) e também os agentes naturais (terras agricultáveis, quedas d’água, minas etc.), reduzindo-se, então, a propriedade da terra, a uma determinada forma de propriedade fundiária e também à categoria de renda capitalista da terra (**síntese**).⁵³

Marx assenta que “Tanto por sua natureza como por sua história, o capital é o criador da moderna propriedade da terra, da renda da terra; sua ação resulta na dissolução da velha forma de propriedade da terra. A nova forma surge como consequência da ação do capital sobre a velha [...]”.⁵⁴

Ainda sobre o papel da propriedade da terra no modo de produção capitalista, noutro passo, Marx examina a passagem **da propriedade fundiária ao trabalho assalariado**, que também considera como fruto de um processo **histórico** e igualmente **dialético**.

É processo histórico, porquanto, conforme o autor d’*O capital*, a nova forma da “propriedade da terra é produto do capital. Eis porque encontramos esse fenômeno em todos os lugares: onde, pela ação do capital sobre as velhas formas de propriedade da terra, estas passam a gerar uma renda em dinheiro [...] e onde, em paralelo, a agricultura, explorada pelo capital, se converte em uma atividade subordinada à indústria [...]”.⁵⁵

E é também um processo dialético porque, o capital [**tese**], “como criador da renda da terra [...], recria a produção de trabalho assalariado [...]” e, reduzindo o trabalho

permite embolsar uma parte desse mais-trabalho ou dessa mais-valia que não contribui nem para dirigir nem para criar” (Ibidem, p. 45).

51 Ibidem, p. 45 e 46.

52 Ibidem, p. 487 (Nota 99).

53 Ibidem, p. 44-46. Em relação à nova categoria “renda da terra”, oriunda da passagem do capital à propriedade da terra, repetindo o já assentado por Rosdolsky em Nota anterior, a “moderna renda da terra é uma criação específica do capital, a única criação em que ele faz surgir um ‘valor diferente de si mesmo, de sua própria produção’”, pois, o capital, não só “cria uma forma peculiar de riqueza, o valor baseado no trabalho”, como também cria valor que não advém do produto do trabalho, que é “o valor dos agentes naturais (terras agricultáveis, quedas d’água, minas etc.) [...]”, que, por sua vez, “são objeto de apropriação, tendo por isso [valor de troca](#) [...]”. Só se pode explicar esse valor com a [teoria da renda](#)” (Ibidem, p. 46).

54 Ibidem, p. 46 (O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra e página referenciadas).

55 Ibidem, p. 46 e 47.

a trabalho assalariado, tendo a propriedade da terra “como a sua condição e também como sua **antítese**” (grifo nosso), estabelece “o trabalho assalariado [**síntese**] como seu fundamento universal”.⁵⁶

Os servos da gleba, camponeses antes “sujeitos a pagamentos de prestações, enfiteuses⁵⁷, aluguéis etc., necessariamente se transformam em trabalhadores pagos por jornada ou em assalariados. [...] Só a ação do capital sobre a propriedade da terra cria e desenvolve plenamente o trabalho assalariado”. Trata-se, continua Marx, “simplesmente, da transferência do trabalho assalariado das cidades ao campo, ou seja, do trabalho assalariado estendido a toda a superfície da sociedade”.⁵⁸

Dito isso, podemos compreender o plano primitivo de 1857 considerando o que diz o próprio Rosdolsky: “No fundo, o que Marx discute aqui é a estrutura de sua obra [que viria a ser *O capital*], o problema da ordem em que devem ser descritas as categorias do capital, da propriedade da terra e do trabalho assalariado que expressam a estrutura de classes da sociedade burguesa”.⁵⁹

Em outras palavras, Marx pensa uma sistematização da descrição da **estrutura de classes** da sociedade capitalista a partir das categorias do **capital**, da **propriedade da terra** e do **trabalho assalariado**, expressadas por meio da investigação das **relações recíprocas** entre essas categorias. Uma construção analítica da transição do capital à propriedade da terra, de um lado, e da passagem da propriedade da terra ao trabalho assalariado, de outro.

Para tanto, de acordo com o referido plano, considerando “[...] a natureza íntima do modo capitalista de produção, da sucessão histórica e lógica das categorias que o compõem” (grifo nosso), ao contrário de como procede a doutrina tradicional (embasada nos fatores de produção), conforme já mencionado anteriormente, Marx analisa primeiramente “a categoria do capital em sua forma pura”, para, só depois, tratar das “formas que podem ser deduzidas das relações do próprio capital”. Por isso, só após a análise da forma pura do capital, ele passa à “moderna propriedade da terra, como criação do capital, como produto de sua influência sobre formas econômicas pré-capitalistas”.

Por outro lado, segundo, ainda, Rosdolsky, “o pleno desenvolvimento do trabalho assalariado, que tanto conceitual como historicamente representa a condição fundamental do capital e do modo de produção capitalista, pressupõe que esse modo de

⁵⁶ Ibidem, p. 47 e 48.

⁵⁷ *Enfiteuse* é um instituto jurídico originário do [Direito Romano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direito_Romano) que “deriva diretamente do arrendamento por prazo longo ou perpétuo de terras públicas a particulares, mediante a obrigação, por parte do adquirente (enfiteuta), de manter em bom estado o imóvel e efetuar o pagamento de uma pensão ou foro anual (*vectigal*), certo e invariável, em numerário ou espécie, ao senhorio direto (proprietário). Este, através de um ato jurídico, intervivos ou de última vontade, atribui ao enfiteuta, em caráter perpétuo, o domínio útil e o pleno gozo do bem” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>. Consultado em 07.12.2020).

⁵⁸ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 47. “Na mesma medida em que o trabalho se converte em trabalho assalariado, o produtor [não rural] se converte em capitalista industrial; por isso a produção capitalista [...] só aparece em toda sua amplitude quando também o produtor rural [anterior] é assalariado” (Idem, p. 488 (Nota 107)).

⁵⁹ Ibidem, p. 48 (Ibidem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

produção tenha abarcado a totalidade das relações sociais, com a transformação também dos produtores rurais em trabalhadores assalariados”.

Por isso, a categoria do trabalho assalariado, por sua vez, “só pode ser estudada em profundidade depois da categoria do capital (e da propriedade da terra)”. E assim foi estruturado o plano primitivo de 1857, conforme podemos verificar na Figura 1 retro, primeira coluna, seguindo-se a seta contínua.

Em consonância com Roman Rosdolsky, a escolha de Marx no plano original de 1857 de começar sua investigação econômica com o “capital em geral”, sendo o tema principal dos manuscritos *Grundrisse*, diz respeito à sua intenção de analisar o que todas as diferentes formas de capital têm em comum, que é “**ser capital**” (grifo nosso). Ou seja, quando Marx se dedica ao “capital em geral” como primeiro tomo (livro) do seu plano estrutural, ele quer examinar “o processo de sua formação”, a “história geral do nascimento do capital”, sua “autodeterminação”, ou sua “autoformação”. Esse processo, que Rosdolsky classifica como dialético, “é apenas a expressão ideal do movimento real [a concorrência de capitais ou pluralidade de capitais] de devir [vir a ser] do capital”.⁶⁰

O autor de *Gênese* nos mostra que, quando Marx, na análise do “capital em geral”, exclui o exame da “concorrência entre os capitais”, a “[...] ‘ação do capital sobre o capital’, o que pressupõe a pluralidade de capitais”, e também exclui o “sistema de crédito”, onde “[...] ‘o capital aparece, diante dos diferentes capitais, como um elemento geral’”⁶¹, ele ainda não se interessa pela análise “da diversidade dos capitais”⁶², pelo “[...] movimento real de capitais concretos, do capital em sua realidade”, como se caracterizam ambos os casos, mas sim pelo capital em sua “média ideal”⁶³, pelo “capital de toda a sociedade”, pelo “capital em geral”. Só então, conclui Rosdolsky, “é possível desenvolver verdadeiramente o conceito de capital”⁶⁴.

Portanto, conforme revela Roman Rosdolsky, “para poder investigar em estado puro as leis imanentes do capital, deve-se abstrair a concorrência e seus fenômenos correlatos, adotando-se como ponto de partida o ‘capital como tal’ ou o ‘capital em geral’”.⁶⁵

60 Ibidem, p. 51 e 490 (Nota 132).

61 Ibidem, p. 50.

62 Ibidem, p. 52 e 490 (Nota 137). Não obstante, para Marx, “‘o capital existe e só pode existir como muitos capitais, sua autodeterminação aparece como ação e reação recíproca deles entre si’; [...] sua natureza íntima o impele a ‘repelir-se a si mesmo’”. Continua Marx: “tão logo começa [o capital] a perceber a si mesmo como barreira ao desenvolvimento [do capitalismo industrial, por exemplo], recorre a formas que, embora pareçam dar os últimos retoques ao domínio do capital, restringindo a *concorrência*, anunciam ao mesmo tempo sua dissolução e a do modo de produção baseado nele” (grifo nosso). Conforme nos traz Rosdolsky, quanto ao exposto na segunda parte desta Nota, “[...] Nessa passagem, escrita em 1857, Marx prevê a forma do *capitalismo monopolista* ou *financeiro* [*forma sucessora do capitalismo industrial*]” (grifo nosso) (Ibidem, p. 50 e 489 (Notas 120 e 122)). Sobre a *pluralidade de capitais* e a *concorrência entre eles*, esta última não muito bem compreendida pela própria economia burguesa ou capitalista, como já disse Marx, embora seja a concorrência, de modo geral, “a maneira pela qual o capital faz prevalecer seu modo de produção” (Ibidem, p. 50 e 489 (Nota 123)), voltaremos a tratar mais profundamente em folheto específico deste artigo expositivo de “Gênese e estrutura de *O capital*”.

63 Ibidem, p. 50.

64 Ibidem, p. 52.

65 Ibidem, p. 51 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Continua esse pensador ucraniano, citando Marx: “A relação entre os diversos capitais ficará clara tão logo tenhamos considerado o que todos têm em comum: **ser capital**” (grifo nosso), com suas abstrações e determinações, digo eu.

Nesse sentido, Roman põe a seguinte indagação e a ela responde: “Que determinações [abstrações] podem ser consideradas comuns a todos os capitais? Evidentemente, aquelas que são válidas para o capital, mas não para outras formas de riqueza; aquelas que expressam o caráter historicamente determinado do modo de produção capitalista”. O que o capital tem em comum em relação a todas as suas formas é ser “**um valor que ‘gera mais-valia**’, que se baseia em uma relação específica, historicamente determinada: a **relação do trabalho assalariado**” (grifo nosso).

O que se mostra como sendo “comum a todos os capitais é sua **propriedade de expandir seu valor**, o fato de que eles se apropriam, direta ou indiretamente, da **mais-valia** gerada no processo capitalista de produção” (grifo nosso). Daí o porquê da análise do “capital em geral” começar com “a investigação do **processo de produção** [do capital]” (grifo nosso).⁶⁶

Essa análise “[...] Deve demonstrar como o dinheiro ‘ultrapassa sua simples determinação como dinheiro’ e se converte em capital; como o consumo do trabalho humano engendra mais-valia; finalmente, como a produção dessa mais-valia permite a reprodução do capital e a própria relação capitalista”. No plano definitivo (de 1865/66), como veremos logo mais, Karl Marx traz esse exame no Livro I - *O processo de produção do capital* (vide Figura 1 *supra*, “Estrutura modificada”, segunda coluna, Tomo I, seções “1 a 5”).

Noutro passo, Rosdolsky chama atenção para o fato de que “o **ciclo de vida do capital** não se limita ao processo direto de produção. Ao contrário. Para que o capital possa renovar-se, o produto do capital, incluindo o mais-produto [ou lucro do capital, o que é distinto do lucro do capitalista, que é o mais-valor ou mais-valia], deve ‘transformar-se em dinheiro, e não como em etapas anteriores da produção, quando o intercâmbio só dizia respeito à produção de excedente e aos produtos excedentes, mas de nenhum modo a todos os produtos’” (grifo nosso). Por isso, a **complementação do processo de produção pelo processo de circulação do capital** se faz necessariamente obrigatório. De acordo com a Figura 1 *supra*, a circulação do capital na estrutura primitiva (primeira coluna) é tratada no Livro I *Sobre o capital*, seções “a.1 e a.2”, sendo o tema mantido na estrutura modificada (segunda coluna), porém como livro a parte, no Livro II - *O processo de circulação do capital*.

Entretanto, continua Roman Rosdolsky, o processo de circulação do capital “exige tempo, e durante este tempo o capital não pode criar mais-valia”, isto é, durante este tempo a valorização do capital “não depende apenas da duração do tempo durante o qual o capital cria valores (tempo de trabalho) [o que ocorre no processo e produção], mas também do tempo de [sua] circulação, durante o qual esses valores se realizam”.⁶⁷

⁶⁶ Ibidem, p. 52 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

⁶⁷ Ibidem, p. 52 e 53.

Por isso, a mais-valia (que está relacionada com a criação de valor pelo capital) e a taxa de mais-valia (relacionada com o tempo de realização do valor), assumem no processo de circulação do capital as formas de **lucro** e de **taxa de lucro**, respectivamente. Formas que na estrutura primitiva, conforme a Figura 1 *supra*, seriam tratadas no Livro I *Sobre o capital*, seção "a.3", mas que na estrutura modificada, de acordo também com a Figura 1, são examinadas somente no Livro III - *O processo global da produção capitalista*, quando Marx passa a analisar a **pluralidade de capitais** e a **concorrência**.⁶⁸

Outro elemento relacionado ao processo de circulação do capital é o sistema de crédito. Que também é excluído, como já adiantamos, da análise do "capital em geral". Marx considera o crédito "como uma forma 'sob a qual o capital procura apresentar-se como diferente dos capitais individuais, ou o capital individual [procura apresentar-se] como capital que se separa de sua barreira quantitativa'", por isso desloca para o Livro III - *O processo global da produção capitalista* (do plano definitivo) os temas "sistema de crédito" e "capital dividido em ações [relacionando-os com o caráter real do capital social global⁶⁹]", os quais, no plano original, surgiam como seções do Livro I *Sobre o capital*, de acordo com o demonstrado na referida Figura 1 *supra*. Agindo assim, Marx dirige-se para o "estudo das 'relações concretas' [do capital], ou seja, [para o estudo] do 'capital real'".⁷⁰

De acordo com Rosdolsky, iniciando sua investigação pelo capital em geral, Marx tem como certo que "no conceito geral de capital 'está contido', em **embrião**, 'o **desenvolvimento posterior**', ou seja, não só as **tendências 'civilizatórias'**, que impulsionam o capital adiante, mas também as **contradições** que o conduzem além de seus próprios limites" (grifo nosso)⁷¹.

Como afirma o próprio Marx:

"No conceito simples de capital devem estar contidas suas tendências civilizatórias etc., sem que estas se apresentem, como nas economias precedentes, apenas como conseqüências. Do mesmo modo, aparecem nele, de maneira latente, as contradições que se manifestarão mais tarde. [...] É necessário desenvolver com exatidão o conceito de capital, já que ele é o conceito básico da economia moderna, tal como o próprio capital [...] é a base da sociedade burguesa [capitalista]. Da relação fundamental, concebida com exatidão, decorrem todas

68 Ibidem, p. 53.

69 Caráter este, conforme Rosdolsky citando Marx, que "se manifesta com mais clareza no capital dividido em ações 'modalidade sob a qual o capital assume sua forma mais acabada [...]' (Ibidem, p. 55).

70 Ibidem, p. 55 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

De acordo com Roman Rosdolsky, na análise do sistema de crédito, Marx chama atenção para uma questão metodológica instalada: "A antítese entre o tempo de trabalho e tempo de circulação contém toda a teoria do crédito" (Ibidem, p. 492 (Nota 161)). Dessa questão trataremos em momento específico da nossa "expedição".

71 Escreve Rosdolsky: "Como vimos, aos olhos de Marx esse conceito [o conceito geral de capital] é só uma imagem abstrata e dialética do 'movimento real, do devir [vir a ser] do capital'". Assim, o conceito geral de capital em Marx é considerado "como o oposto do estudo das 'relações concretas', ou seja, do 'capital real' [da pluralidade de capitais]", o qual, na obra *O capital*, Marx examina no Livro III (Ibidem, p. 55).

as contradições da produção burguesa, bem como os limites
diante dos quais ela tende a se superar”.⁷²

A estrutura modificada ou plano definitivo (1865/66)

Exibidas as considerações sobre o porquê da organização metodológica do plano original (de 1857) como tal, bem como a sua relação com a metodologia da crítica de Marx à economia política capitalista, passemos às explicitações sobre os motivos da modificação da estrutura primitiva, quando e em que medida foi abandonada e substituída pelo plano definitivo.

Sobre tais aspectos, vale resgatar o que Roman Rosdolsky replicou do economista, historiador e revolucionário marxista polonês Henryk Grossmann, já citado em nota de pé de página anterior: “[...] é impossível que uma modificação do plano estrutural de *O capital* tenha sido casual ou decorrido de um problema técnico de exposição, como a busca de clareza, por exemplo”.⁷³

Ratificando a assertiva de Grossmann, porém discordando do fundamento utilizado por ele, qual seja, o entendimento de que Marx estrutura o plano original “a partir de um ponto de vista empírico”⁷⁴, estabelecendo uma “vinculação exterior entre os fenômenos econômicos”⁷⁵, e que só mais tarde (1863) deixa “de tomar, como objeto de análise, o mundo dos fenômenos imediatamente dados”, cuja argumentação não vem ao caso detalhar aqui, Rosdolsky complementa: “É preciso buscar, antes de tudo, motivos ‘internos’, ou seja, metodológicos”⁷⁶. E é nessa direção que Roman desenvolve sua própria fundamentação acerca da questão.

No que tange à substituição do plano original pelo definitivo, verifica-se, conforme a Figura 1 *supra*, “uma progressiva contração do plano inicial e, ao mesmo tempo, uma ampliação da parte remanescente”, a partir da migração para a estrutura modificada de alguns temas da estrutura original e da supressão de outros que na estrutura primitiva seriam tratados nos Livros IV a VI (sobre o Estado, o comércio exterior e sobre o mercado mundial e as crises, respectivamente), além da expansão da estrutura modificada, ou plano definitivo, notadamente em relação ao tema processo de produção do capital.⁷⁷

Outro exame importante que Rosdolsky realiza é o que trata da relação dos manuscritos econômicos produzidos por

⁷² Ibidem, p. 491 (Nota 159).

⁷³ Ibidem, p. 38.

⁷⁴ Ibidem, p. 38.

⁷⁵ Ibidem, p. 40. Conforme extraímos da obra e página referenciadas, o ponto de vista que estabelece um vínculo exterior entre os fenômenos econômicos se ajustaria mais à subdivisão tradicional da economia clássica embasada nos fatores de produção (terra, trabalho e capital), da qual Marx se afastou. Segundo assenta Rosdolsky ainda na página referenciada, tal posicionamento de Grossmann, e de outros autores no mesmo sentido, são “inconsistentes de explicação”, nada mais nada menos.

⁷⁶ Ibidem, p. 38. Não obstante a discordância apontada, quer nos parecer, do que assinala o próprio Rosdolsky, que ele foi instigado para se debruçar sobre a questão dos planos estruturais elaborados por Marx, e a substituição de um pelo outro, pela reflexão feita por Grossmann em 1929, transcrita no parágrafo anterior (Ibidem, p. 37 e 38).

⁷⁷ Ibidem, p. 27, 28 e 36. No que diz respeito à mencionada “supressão” dos Livros IV a VI do plano original, dela tratamos na ^[Nota 8].

Marx com os planos original e definitivo para descobrir quando se deu a modificação do plano primitivo – os manuscritos de 1857/1858 (*Grundrisse*)⁷⁸, os manuscritos de 1861 a 1863⁷⁹ e os rascunhos de 1864-1865⁸⁰ –, concluindo que o **abandono completo** por Marx do plano original se deu a partir das **anotações de 1864-1865**, muito embora nos manuscritos de 1861 a 1863 “já se perceba”, segundo aquele autor, “um afastamento” de Marx em relação à estrutura primitiva.⁸¹

Importante frisar que, Marx, ao “enfocar abstratamente, em forma pura”, especialmente nos manuscritos *Grundrisse*, e depois em *O capital* (nos livros I (*O processo de produção do capital*) e II (*O processo de circulação do capital*)), “o fenômeno da formação do capital”, bem como ao tratar do processo de circulação e reprodução do capital “em sua forma fundamental, reduzido à sua expressão mais abstrata”; ou seja, a considerar o ‘capital em geral’ [o que Marx denomina de “‘movimento real e interno’ da produção capitalista” ou de “essência”, utilizando esta expressão no sentido de Hegel]”, não trata da pluralidade de capitais [da concorrência de capitais]. Não analisa a forma “sob a qual [o capital] se manifesta na superfície da sociedade, [...] na ação recíproca dos diversos capitais entre si, na concorrência e na

78 Os manuscritos de 1857/1858, os *Grundrisse* propriamente ditos, basicamente abordam somente o tema do “capital em geral” (primeira seção do que deveria ser o Livro I *Sobre o capital* do plano original). Os referidos manuscritos não contemplam, “em princípio”, os demais temas que estavam previstos para os livros segundo ao sexto do plano primitivo, bem como aqueles das seções “b”, “c” e “d” do Livro I (Ibidem, p. 49 e 50). O autor de *Gênese* analisa que tais escritos, embora sua estrutura, “[...] À primeira vista”, pareça coincidir com a estrutura e sistematização do plano definitivo d’*O capital*, limita-se “fundamentalmente à análise do ‘capital em geral’ [investigando o processo de produção do capital, o processo de circulação, o lucro e as taxas de lucro e de juros], motivo pelo qual deixam de lado, conscientemente, numerosos problemas que só foram ‘insinuados’ nos *Grundrisse*, e que seriam tratados com mais profundidade em *O capital*” (grifo nosso), a exemplo da “divisão do trabalho e da cooperação, da acumulação primitiva, da teoria da colonização etc. (temas em que, no fundo, *O capital* apenas preencheu o terreno já demarcado nos *Grundrisse*)”, e tudo que se refere “ao salário e a suas formas, à jornada de trabalho, às formas de exploração praticadas pelo capital e à legislação trabalhista”, correspondendo, sua estrutura, “exatamente ao plano inicial de Marx”, isto é, ao plano de 1857 (Ibidem, p. 29 e 30). Nos manuscritos *Grundrisse*, “o enfoque permanece centrado no ‘lucro geral’, no ‘lucro da classe capitalista’, e não no lucro de ‘um capital individual em detrimento de outro’” (Ibidem, p. 56). Ainda em relação aos *Grundrisse*, Roman expõe que neles faltam “não só a análise da circulação do capital-dinheiro, do capital-produtivo e do capital-mercadoria, mas também o exame – fundamental – da reprodução e circulação do capital social global”. Empreitada que Marx executa no próprio *O capital*, no Livro II - *O processo de circulação do capital* e no Livro III - *O processo global da produção capitalista*, respectivamente (Ibidem, p. 30).

79 No que diz respeito ao segundo conjunto de manuscritos da crítica da economia política, escritos de 1861-1863, Rosdolsky analisa as considerações de Karl Kautsky, defensor da tese de que esses manuscritos são o marco do abandono do plano original, rebatendo-as (tal como Kautsky, Rosdolsky também cita Grossmann, além de outros economistas da época). Roman busca demonstrar que vários temas das referidas anotações de Marx examinadas por Kautsky continuam remetendo para a estrutura primitiva de 1857, embora reconheça que nos manuscritos de 61-63 já se note “um afastamento” de Marx do plano original (Ibidem, p. 30-34 e 38).

80 Em relação ao terceiro grupo de manuscritos econômicos, redigidos em 1864-1865, e que serviu de base para Engels na organização do Livro III d’*O capital* (*O processo global da produção capitalista*), Rosdolsky aponta, entre outros aspectos, que aí já não há, como havia no manuscrito de 1861-1863, menção aos Livros IV, V e VI (sobre o Estado, o comércio exterior e o mercado mundial e as crises, respectivamente), bem assim assenta que Marx nos manuscritos de 64/65 “abandona” aquela separação que existia na estrutura primitiva de 1857, “entre a análise do ‘capital geral’ e a da concorrência”, o que também se verifica no que se refere à descrição do “sistema de crédito” (veja a Figura 1 *supra*). Nesses manuscritos não mais consta também nenhuma menção aos livros sobre a propriedade da terra e sobre o trabalho assalariado (Ibidem, p. 27, 35 e 36). Concluindo seu exame do terceiro conjunto de manuscritos marxianos, Roman assinala, expressa e claramente, que “[...] Ele só foi redigido em 1864-1865, época em que, em nossa opinião, ocorreu a *transição* do antigo para o novo plano estrutural” (grifo nosso) (Ibidem, p. 35).

81 Ibidem, p. 35-37 e 34.

consciência habitual dos próprios agentes da produção’ [o que denomina de “aparência”, tomando tal categoria também à Hegel]”. Karl Marx somente tratará disso no Livro III d’*O capital* (*O processo global da produção capitalista*), sob a sistematização do plano definitivo.⁸²

Na passada conclusiva do segundo capítulo de *Gênese*, Rosdolsky ressalta que são “nas categorias de ‘**capital em geral**’ e de ‘**pluralidade de capitais**’ (ou seja, na concorrência) [sendo que na pluralidade de capitais também se insere o sistema de crédito]” (grifo nosso) que crer “haver encontrado [...] a chave para compreender não só os *Grundrisse* mas também *O capital*”.⁸³

Avançando sobre o alcance da modificação do plano original de 1857, Roman Rosdolsky marca definitivamente que Marx, nos manuscritos que escreveu à luz da estrutura primitiva (os escritos de 1857/1858 e os de 1861/1863), não tratou da temática atinente aos últimos três dos seis livros planejados [Livro IV *Sobre o Estado*, Livro V *Sobre o comércio exterior* e Livro VI *Sobre o mercado mundial*], visto que, conforme o próprio Marx, “[...] estavam destinados a um ‘desdobramento da obra’”. A par disso, conclui que “a verdadeira modificação do plano [original] só diz respeito aos livros I, II e III [*Sobre o capital*, *Sobre a propriedade da terra* e *Sobre o trabalho assalariado*, sucessivamente], conforme se verifica na Figura 1 *supra* (linhas cheias e pontilhadas).⁸⁴

Tal modificação, diz Rosdolsky, “consistiu em que o livro II (sobre a propriedade da terra) foi incorporado ao terceiro tomo da obra definitiva [Livro III d’*O capital*], enquanto o tema do livro III (sobre o trabalho assalariado) encontrou lugar na penúltima seção do primeiro tomo [Livro I d’*O capital*]”.

Entretanto, prossegue o autor de *Gênese*, “[...] também o ‘Livro I *Sobre o capital*’, ou seja, a primeira parte do plano inicial, sofreu uma reestruturação: as seções *b*, *c* e *d* desse livro [sobre a concorrência, sobre o sistema de crédito e sobre o capital dividido em ações] foram incorporadas – na mesma ordem – ao terceiro tomo de *O capital* [Livro III], enquanto os dois primeiros tomos da obra [livros I e II igualmente d’*O capital*] correspondem, em grandes traços, à seção *a* do primitivo ‘Livro sobre o capital’, pois se limitam à análise do ‘capital em geral’”.

Focando, por fim, nos motivos presumíveis da alteração de rumo, Roman assinala que “Isso só se refere, evidentemente, ao **reagrupamento externo** do material tratado no sistema de Marx” (grifo nosso). Porém, como que não satisfeito somente com essa explicação, Rosdolsky põe em seguida uma indagação: “Mas que

82 Ibidem, p. 56 e 57. Ensina Marx, referindo-se ao seu método de análise dos processos econômicos: “Todo esse aborrecimento seria desnecessário ‘se a forma de [manifestação \[aparência\]](#) e [a essência](#) das coisas coincidisse diretamente’; neste caso, porém, ‘toda a ciência seria supérflua’”. Só assim a investigação científica poderia avançar “para encontrar desse modo ‘a lei que rege o fenômeno’ e compreender o próprio fenômeno como necessário” (Ibidem, p. 57). Sobre as categorias filosóficas “essência” e “aparência”, remetemos o leitor à videoaula **Introdução ao Método de Marx (primeira parte)**, proferida pelo professor José Paulo Netto (in Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s> (minutagem: 1h:41min e seguintes)).

83 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 56.

84 Idem, p. 58 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

motivos levaram a esse reagrupamento?”.

Em sua resposta, o autor de *Gênese* explica que a modificação do plano original pode ser explicada “[...] pelo fato de que, quando Marx concluiu a parte mais importante de sua tarefa – a análise do capital industrial –, a antiga estrutura da obra tornou-se supérflua”. De acordo, ainda, com autor em citação, “[...] Para elaborar de forma pura a categoria de capital, se podia e se devia prescindir nesse momento de todo o resto. Assim, se impôs uma severa separação entre as áreas de investigação em que o plano original se baseava”.⁸⁵

Para comprovar o que afirma, Rosdolsky dispõe:

“[...] Um importante indício disso pode ser visto nos próprios *Grundrisse*. Embora esse texto tenha sido redigido conforme o plano original, não falta nele – com exceção dos capítulos sobre o salário e suas formas – nenhum dos raciocínios essenciais que serão desenvolvidos depois, por Marx, no primeiro e segundo tomos [livros I e II] de *O capital* (estamos nos referindo às seções que tratam dos processos de produção e de circulação [do capital]). Isso demonstra que toda a análise dos processos de produção e de circulação do capital pôde ser feita sem a necessidade de tecer considerações sobre os temas que deveriam compor o livro previsto sobre o trabalho assalariado e a propriedade da terra [livros III e II do plano original, respectivamente]”.⁸⁶

O abandono por Marx da separação constante do plano original sobre a propriedade da terra e sobre o trabalho assalariado não produziria nenhum prejuízo à sua investigação, até porque, e principalmente, os assuntos “essenciais” sobre a propriedade da terra e sobre o trabalho assalariado “se incorporariam à nova obra [isto é, aos Livros III e I d’*O capital*, respectivamente; portanto, já sob a estrutura modificada]”.⁸⁷

Nesse sentido, acerca da inclusão do Livro II do plano original de 1857 sobre a propriedade da terra no Livro III d’*O capital* (*O processo global da produção capitalista*) do plano definitivo de 1865/66, e a inserção do tema do Livro III sobre o trabalho assalariado (também do plano original) no Livro I (*O processo de produção do capital*) do referido plano final, e não mais como livros à parte, diz Roman Rosdolsky: “[...] Ambos seriam incorporados ali onde, do ponto de vista conceptual, podiam aparecer: o livro sobre a propriedade da terra no terceiro tomo [Livro III d’*O capital*], porque o problema teórico pertinente à renda da terra só podia ser resolvido nessa etapa da investigação, depois de realizada a análise do capital industrial e de suas formas ‘secundárias’ e ‘derivadas’⁸⁸”.

⁸⁵ Ibidem, p. 58 e 59.

⁸⁶ Ibidem, p. 58.

⁸⁷ Ibidem, p. 59 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

⁸⁸ Sendo o capital industrial, na época, “[...] a forma fundamental da relação do capital, [aquele] domina a sociedade burguesa. Todas as demais formas parecem ser derivadas ou secundárias; derivadas como o capital que recebe juros; secundárias, quando o capital ocupa uma função particular (integrante do processo de circulação), como capital comercial” (Ibidem, p. 493 (Nota 180)).

Já em relação ao livro sobre o trabalho assalariado, assim profere Rosdolsky: “[...] em troca, apareceria diretamente na análise do processo de produção do capital, ou seja, no primeiro tomo [Livro I d’*O capital*], a fim de formar, através da investigação da categoria do salário e de suas formas, um dos ‘elos intermediários’ necessários entre a teoria do valor do primeiro tomo e a teoria dos preços de produção que seria desenvolvida no terceiro tomo [Livro III da obra definitiva marxiana]”.

Do exposto, enfatizando à conclusão de Roman de que a modificação do plano primitivo apenas diz respeito aos livros I, II e III, e que isso “só se refere, evidentemente, ao **reagrupamento externo** do material tratado no sistema de Marx” (grifo nosso), é certo afirmar que o **cerne do método histórico-dialético** marxiano do plano original – uma análise do **abstrato ao concreto** –, com vistas a encontrar a coerência entre a metodologia aplicada na sua crítica à economia política capitalista e a forma expositiva mais adequada, foi **mantido e aprimorado** na estrutura modificada e definitiva de 1865/66, da qual originou a obra magna de Karl Marx – *O capital*.

Desse modo, encontrando no método histórico-dialético, que vai e volta do abstrato ao concreto, a coerência almejada entre a metodologia aplicada na sua crítica à economia política capitalista e a forma expositiva mais adequada, segundo Rosdolsky, Marx, no plano definitivo, partindo da análise do capital em geral (Livro I - *O processo de produção do capital*), envereda pelo procedimento de realização desse capital (Livro II - *O processo de circulação do capital*), para finalmente chegar à sua totalidade orgânica e concreta (Livro III - *O processo global da produção capitalista*).

Com vistas a incrementar o que expusemos sobre a abordagem metodológica de Roman Rosdolsky acerca dos dois planos estruturais de sistematização da crítica marxiana da economia política capitalista, disponibilizamos na *Seção Principal - Artigos Expositivos da Bibliografia Econômica de Karl Marx*, subseção *Artigo Expositivo I*, deste Blog, como material complementar a este Folheto nº 02, a videoaula completa ministrada pelo professor José Paulo Netto⁸⁹, intitulada “Introdução ao método de Marx” (primeira e segunda partes), em uma produção do Centro de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB), aqui entendida como um adicional valioso ao que apresentamos no presente texto.⁹⁰

89 José Paulo Netto (1947) é um escritor, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e um reconhecido intelectual marxista brasileiro. Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), doutorou-se também em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Além disso, é Doutor *honoris causa* pela Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Paulo_Netto. Consultado em 05.01.2022).

90 *Folheto nº 02 – Material complementar*. Também sobre o método de Marx utilizado em sua crítica da economia política, sugerimos a leitura do texto do filósofo marxista soviético Evald Vasilievich Ilienkov, **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**, disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilienkov/1960/dialetica/01.htm> (consultado em 31.05.2020).

Capítulo 3 – Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política

Roman Rosdolsky, aproveitando mais uma descoberta que capta dos *Grundrisse*, referindo-se, desta feita, ao “papel do **valor de uso** na economia de Marx” (grifo nosso), traz à tona o que considera um “problema metodológico que até hoje [1967] a literatura marxista tratou de forma negligente, e para cuja solução o conhecimento dos *Grundrisse* contribui de forma decisiva”.⁹¹

Sendo o valor de uso em economia um atributo da mercadoria, não se pode prescindir da análise desta antes de se discutir qualquer questão relacionada àquele. Assim sendo, antes de ingressarmos ao teor do capítulo, importante, ainda que brevemente, definir a categoria **mercadoria**, e, por conseguinte, os atributos que traz consigo, além do próprio **valor de uso**, de acordo com a visão marxiana: **valor de troca** e **valor**.

O professor Marcelo Dias Carcanholo assinala que Marx, ao se debruçar sobre a economia política, começa pela “‘forma elementar’ do modo de produção capitalista, a **mercadoria**” (grifo nosso).⁹²

Na mesma passada, a professora Leda Paulani anuncia que Marx começa *O capital* afirmando: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma enorme **coleção de mercadorias**, e a mercadoria individual como sua **forma elementar**. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria” (grifo nosso). O filósofo alemão tem a mercadoria como “uma espécie de célula da sociedade moderna [ou burguesa]”.⁹³

Karl Marx, ao examinar aquilo que é mais aparente no modo de produção capitalista, a mercadoria, não elimina “as determinações históricas desta última; pelo contrário, está preocupado em investigar a mercadoria enquanto **forma capitalista** de uma categoria mais geral, a **riqueza**. Esta [a riqueza] não se refere a nenhum tipo de sociedade em particular. Já, a mercadoria, ou a riqueza na economia mercantil e, em específico, na economia mercantil-capitalista, é uma categoria com uma determinação histórica, e é assim que deve ser entendida [isto é, a mercadoria, no significado econômico marxiano, é uma criação singular e própria do capitalismo]” (grifo nosso).⁹⁴

Em Marx, “produto” não é sinônimo de “mercadoria”. A forma mercadoria é típica do modo de produção capitalista e está relacionada com sua capacidade intrínseca de ser trocada no mercado, sua finalidade precípua; ao contrário do que ocorria nos modos de produção anteriores, onde o que se produzia, o “produto”, tinha como finalidade precípua seu valor de uso (utilidade) – sua capacidade de satisfazer as

91 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 75.

92 CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>. Visto em 27.12.2020.

93 PAULANI, Leda. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s> (minutagem: 30min:42s e seguintes). Visto em 27.05.2021.

94 CARCANHOLO, Marcelo Dias. Op. cit. Consultado em 27.12.2020.

necessidades humanas –, sendo levado ao mercado, para troca, apenas o excedente produzido, cujo intercâmbio por outro produto completaria a satisfação das necessidades do produtor respectivo.

Em sendo assim, de maneira geral, segundo a professora Leda, para se entender a categoria valor de uso em Marx é preciso conceituar o que é **valor**. Por outro lado, para se compreender o que é valor imprescindível definir o que é **mercadoria**. Mas antes, para que se tenha uma conceituação integral de valor, deve-se conhecer como se constitui o **dinheiro** (na condição de “[...] mercadoria que funciona como medida de valor, e, desse modo como meio de circulação [...]”⁹⁵), e como ele se transforma em **capital**. Só assim, com o entendimento desse fluxo, se compreenderá o que é o valor para Marx, e, conseqüentemente, o que é valor de uso, e como se dá, por exemplo, o processo da formação do preço de produção e do preço de mercado na teoria marxiana.⁹⁶

Não obstante o disposto acima, para a compreensão da questão metodológica analisada por Rosdolsky no capítulo em comento, é suficiente conhecermos a definição direta de mercadoria e, por conseguinte, de seus atributos, entre eles o valor de uso. Somente mais à frente, em momento próprio da nossa “expedição”, é que examinaremos em detalhes as categorias que compõe o fluxo descrito por Leda Paulani no parágrafo anterior, que diz respeito exatamente à teoria do valor e a teoria do dinheiro de Marx (esta derivada daquela). Peças-chave da crítica marxiana da economia política capitalista.

Dito isso, vamos à definição de mercadoria na companhia de Carcanholo⁹⁷: “[...] Inicialmente, a mercadoria é um objeto que, a partir de suas propriedades materiais, tem a propriedade de satisfazer as necessidades do homem. Essa característica é conhecida como **valor de uso**⁹⁸. Por outro lado, a mercadoria também tem a propriedade de poder ser trocada por mercadorias distintas de si própria ou, em outras palavras, de comprar outras mercadorias. A essa característica chamou-se **valor de troca**⁹⁹” (grifo nosso).

95 MARX, Karl Heinrich. **O capital**. Livro I. Op. cit., p. 203.

96 PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 30min:42s e seguintes). Visto em 27.05.2021.

97 CARCANHOLO, Marcelo Dias. Op. cit. Consultado em 27.12.2020. Idem em relação ao parágrafo seguinte.

98 Genericamente, *valor de uso* “é a *qualidade* que possui um objeto para satisfazer uma necessidade, determinado por suas *condições naturais*. Num sistema de produção capitalista deve-se *diferenciar* [valor de uso] do valor de troca”, sobretudo quando se trata da concepção marxiana de valor, já que, para Marx, o valor de troca “é uma magnitude determinada pela *quantidade de trabalho socialmente necessário* para produzir a mercadoria”, enquanto que “o valor de uso é determinado pelas *características próprias do objeto* e pelo *uso específico e concreto* que se dá ao mesmo por essas características” (grifo nosso). Por assim ser, como o valor de uso é determinado por características do objeto, “é impossível comparar valores de uso [de objetos diferentes] entre si de maneira quantitativa (por exemplo, por sua importância relativa) sem estabelecer um padrão de medida arbitrário e abstrato para qualificar usos que são diversos e, portanto, incomparáveis” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso. Consultado em 27.12.2020).

99 O *valor de troca*, ainda nos referindo à concepção marxiana de valor, sendo uma magnitude determinada pela *quantidade de trabalho* utilizado para produzir a mercadoria, “é medido pelo *tempo de trabalho socialmente necessário*, ou seja, o tempo padrão para produzir uma mercadoria, o que possibilitará a troca, por exemplo, de uma mesa por um travesseiro (diferentes quanto ao seu valor de uso), desde que o tempo de trabalho social desses produtos tenha sido o mesmo (equivalentes quanto ao seu valor de troca)” (grifo nosso). Nos processos de troca de mercadorias pode-se “observar produtos qualitativamente distintos, ou seja, com utilidades diferentes, sendo trocados; o valor de troca normalmente não é percebido. Nos primeiros capítulos de *O capital*, Marx traça um breve sumário do desenvolvimento das formas de trocas comerciais, começando com escambo e trocas simples, e terminando com mercadorias capitalisticamente [sic] produzidas. Este esboço do processo de mercantilização mostra que as formas das mercadorias *não são fixas* de uma vez por todas, mas de fato passam por *desenvolvimento*

Continua Carcanholo sobre a forma-mercadoria “capitalisticamente produzida”, conforme a visão marxiana: “[...] a mercadoria pode ser definida como uma riqueza, mercantil, que possui *valor de uso* e *valor de troca*, ao mesmo tempo. Um produto (riqueza) que deixar de possuir alguma dessas duas propriedades não é uma mercadoria [mas tão somente um produto]. Qualquer produto que tenha a capacidade de satisfazer necessidades, mas não tenha a propriedade de ser trocado por outro, não pode ser levado ao mercado para a troca, não é um elemento constitutivo de uma economia mercantil, embora até possa coexistir com ela. Logo, não é uma mercadoria” (grifo nosso)

Na economia clássica (principalmente a britânica) e também em Marx, “uma mercadoria é tudo aquilo que é **produzido pelo trabalho humano** e colocado no mercado para **ser trocado/vendido**, sendo que muitas vezes é produzido já com a finalidade de ser **vendido**”.¹⁰⁰

Entretanto, com base no que leciona Leda Paulani¹⁰¹, Marx modifica a conceituação clássica de mercadoria, sobretudo a de Adam Smith¹⁰², entendida até então numa **dimensão dúplice**, ou seja, como algo produzido pelo trabalho humano que possui **valor de uso** (que corresponde à utilidade de um produto) e **valor de troca** (que corresponde à possibilidade de ser intercambiada).

enquanto o comércio se torna mais sofisticado, podendo [inclusive] o *valor de troca* das mercadorias ser expresso simplesmente em *quantidade* (teórica) de *dinheiro* (um preço em dinheiro)” (grifo nosso) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#%3A~%3Atext%3DPara%20o%20marxismo%2C%20valor%20de%2Cdesse%20produtos%20tenha%20sido%20o. Consultado em 27.12.2020).

100 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. Consultado em 28.12.2020. Conforme, ainda, o contido no *site* em referência, algumas mercadorias, contudo, “não são criadas pelo trabalho humano, mas requerem trabalho para se tornarem úteis para o Homem e intercambiadas, a exemplo dos recursos naturais”. Da necessidade do *trabalho humano* para que esses recursos se transmutem em valor de uso e, conseqüentemente, adquiram a condição de serem intercambiados (possuírem valor de troca) é que deriva a sua natureza de mercadoria e seu valor. Ao processo de transformação de algo em mercadoria designa-se “*mercantilização* ou *mercadorização*”.

101 PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 32min:30s e seguintes). Visto em 27.05.2021 (Idem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

102 Adam Smith (1723-1790) foi um filósofo e economista britânico nascido na Escócia. Teve como cenário para a sua vida o atribulado *Século das Luzes* (relativo ao *Iluminismo* ou *Ilustração*), o século XVIII. É considerado o precursor da economia política clássica moderna e o mais importante teórico do *liberalismo econômico*. É o autor de *Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das Nações*, ou, simplesmente, *A Riqueza das Nações* (1776), sua obra mais conhecida e que continua sendo usada como referência por gerações de economistas. “O trabalho *Riqueza das Nações* foi um lançamento de uma nova ciência, pois apenas a partir de Adam Smith a ideologia firma uma temática própria, uma ciência do pensamento econômico: a *Economia Política Clássica*” (grifo nosso). Nessa obra, Smith procurou demonstrar “que a riqueza das nações resultava da atuação de indivíduos que, movidos inclusive pelo seu próprio interesse (*self-interest*), promoviam o crescimento econômico e a inovação tecnológica: ‘não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu autointeresse’”, afirmou. Assim acreditava que “a iniciativa privada deveria agir livremente, com pouca ou nenhuma intervenção governamental. A competição livre entre os diversos fornecedores levaria não só à queda do preço das mercadorias, mas também a constantes inovações tecnológicas, no afã de baratear o custo de produção e vencer os competidores”. Uma frase desse economista tornou-se famosa: “Assim, o mercador ou comerciante, movido apenas pelo seu próprio interesse (*self-interest*), é levado por uma ‘*mão invisível*’ a promover algo que nunca fez parte do interesse dele: o bem-estar da sociedade” (grifo nosso). Outro aspecto fundamental em Adam Smith é a sua análise da *divisão do trabalho* como um “fator evolucionário poderoso a propulsionar a economia”. Smith “não utilizava a divisão de classes, mas partia de uma estrutura baseada na origem da renda obtida e, nesse sentido, os trabalhadores não seriam a classe inferior, mas a *intermediária*, pois seriam os parceiros mais diretos no empreendimento econômico, de tal forma que jamais se poderia violar o sagrado direito de propriedade deles sobre seu trabalho” (grifo nosso) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith. Consultado em 24.05.2020).

Partindo daí, mas em um sentido bem mais amplo, o que altera substantivamente a concepção de mercadoria dos clássicos, Karl Marx confere uma **dimensão tríplice** à mercadoria, identificando nela os seguintes elementos: **valor de uso**, **valor de troca** e **valor**.

Mesmo que reconheça a estatura tripla da mercadoria, Marx a define como sendo algo que possui apenas **valor de uso** e **valor** (ou, digo eu, valor intrínseco, ou, ainda, valor econômico), não considerando em sua conceituação de mercadoria, e apenas nela, a categoria valor de troca. Ou seja, embora para Marx a mercadoria possua uma dimensão tríplice, sua definição é porém restrita a algo que possui valor de uso e valor, conforme buscamos esmiuçar a seguir.

Ainda que Marx considere o valor de uso na conceituação de mercadoria, conquanto seja uma forma fundamental para ele na determinação de algo como mercadoria, “o valor de uso ou a utilidade de um produto **não determina o seu valor** [ao contrário do que defende os economistas marginalistas¹⁰³]” (grifo nosso). Na concepção marxiana, o valor de uso, portanto, seria “o **suporte do valor**”, significando que “o valor de uso carrega, transporta, o valor de um produto, mas **não o determina**” (grifo nosso).

Constituindo-se, o valor de uso, um conceito basilar para a forma mercadoria, como afirmado, Karl Marx o define como “o **conteúdo material da riqueza**” (grifo

103 Nesse ponto vale replicar o destaque da professora Leda Paulani ao debate existente no século XIX, no contexto do desenvolvimento do capitalismo: a *economia política* interpretada pelos socialistas, sobretudo os [ricardianos de esquerda](#) e sua *teoria do valor-trabalho* (meados do século XIX), versus a nova *economia marginalista*, surgida da denominada “[revolução marginalista](#)”, e sua ênfase na *teoria do valor-utilidade* (final do século XIX). De um lado, a *teoria do valor-trabalho dos socialistas* (destacada na obra *O capital* de Karl Marx, publicada em 1867) defendendo que “o valor das coisas, que se expressa em seus preços, está relacionado com o *tempo de trabalho* necessário para produzi-las” (grifo nosso), de outro, a *teoria do valor-utilidade* dos marginalistas prescrevendo que “o valor das coisas não depende da quantidade de trabalho necessário para produzi-las, mas sim da *utilidade*, e também da situação de sua *escassez relativa*, que se desdobra nas categorias da oferta e demanda/procura, que acaba por determinar seus preços” (grifo nosso). Esse debate entre a teoria do valor-trabalho dos socialistas e a teoria do valor-utilidade dos marginalistas tem uma história interessante: antes dele, na virada do século XVIII para o século XIX, a economia política clássica e sua teoria do valor trabalho, concebida pelos economistas britânicos Adam Smith e David Ricardo, teóricos do surgimento e desenvolvimento do capitalismo, respectivamente, tinha superado a teoria do valor utilidade de [Jeremy Bentham](#) (1748-1832, filósofo do [Utilitarismo](#)) e de [Jean-Baptiste Say](#) (1767-1832). Entretanto, no final do século XIX, já no contexto da adoção crítica da economia política clássica estampada na obra *O capital* de Karl Marx (Livro I - *O processo de produção do capital*, de 1867), a teoria marginalista, surgida da revolução marginalista, “resgata a teoria do *valor-utilidade* [de Bentham e Say] e desbanca a teoria do valor-trabalho de então, alterando o paradigma da objetividade que a norteia (quantidade de trabalho) e, junto com ela, a economia política, pondo em seu lugar um paradigma teórico subjetivo (valoração pela utilidade)” (grifo nosso). Os teóricos marginalistas, com destaque para os economistas [Léon Walras](#) (1834-1910) [Carl Menger](#) (1840-1921) e [William Stanley Jevons](#) (1835-1882), contrapõem-se à teoria do valor da economia política, então nas mãos dos teóricos socialistas da época. Considerando como sujeito econômico apenas o indivíduo e não mais a sociedade, como assim concebia a economia política, “a ideia de classe social é esvaziada e retirada do escopo da teoria econômica nascente”. Identificando os indivíduos como “agentes econômicos (ora produtores, ora consumidores) a discussão clássica de quem deve se apropriar do excedente de produção perde sentido”, em vista da não mais presença das classes sociais (capitalistas, proprietários de terra, trabalhadores) no âmbito da nova teoria da Economia – substituindo-se a ideia de classes sociais pela de agentes econômicos, estabelece-se o ideário de que a relação social forjada entre todos os integrantes do sistema produtivo é uma relação igualitária e colaborativa, buscando-se desconstruir a noção de luta de classes. A doutrina marginalista “consolidou-se a partir de 1890 com a obra *Princípios de Economia*, do economista britânico [Alfred Marshall](#) (1842-1924). Da revolução marginalista derivou a [escola neoclássica](#) (final do século XIX/início do século XX) que predomina desde então no âmbito da Ciência Econômica, sendo a base da Economia dos dias de hoje”. Nesse contexto, não se pode deixar de considerar a [teoria keynesiana](#), relativa ao economista também britânico [John Maynard Keynes](#) (1883-1946), que igualmente tem sua colocação na contemporaneidade, bem como os desdobramentos teóricos de ambas (PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 3min:20s-30min). Visto em 27.05.2021).

nosso) – isto é, “a produção material do homem por meio do trabalho para produzir coisas úteis”. Sendo, pois, a produção de valor de uso, “resultado do trabalho humano”. De tal modo, “**um produto que não possui valor de uso não terá valor**” (grifo nosso). Toda mercadoria tem valor de uso, no entanto esse qualificativo não é suficiente para defini-la como tal.

Para se saber se um produto é mercadoria, se tem valor ou não, e, se possui, qual é sua medida, não basta ter valor de uso. A mercadoria para assim se configurar “depende do **tempo de trabalho socialmente necessário** para a sua produção”. E aqui se encontra o cerne da teoria marxiana do **valor-trabalho**.

Nesse sentido, prossegue Paulani na trilha de Marx: “[...] todo produto da atividade humana tem valor de uso, possui valor, mas desde que produzido para troca”, pois só assim é qualificado como mercadoria, e, somente nesta condição, digo eu, é possuidor de **valor** (ou **valor econômico**).

Quanto ao **valor de troca**, Marx o tem como “uma **relação quantitativa**, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam por valores de uso de outra espécie”. Por ser uma relação “quantitativa”, uma “proporção”, expressada por um “operador quantitativo”, não possuindo, pois, uma relação qualitativa com a mercadoria, não compõe a conceituação desta última, digo eu também ancorado em Marx.¹⁰⁴

Para elucidar o que afirma, a professora Leda traz o exemplo de Marx: “20 varas de linho equivale a 1 casaco, bem como a 2 onças de ouro, ou a ½ kg de café ou, ainda, a 1 libra”, todas “formas particulares de expressão do valor das 20 varas de linho”.

Dada essa equação, é válido admitir, por conseguinte, prossegue a professora em citação, que “as espécies mencionadas, distintas do linho, nas suas respectivas medidas, também equivalem entre si”. De tal validade também decorre a conclusão de que “a igualdade ou equivalência dessas espécies diferentes entre si não têm nenhuma relação com as respectivas naturezas materiais”.

Decerto, “não é o fato de ser linho, casaco, ouro, café e libra que fazem essas espécies se equivalerem”. O que torna espécies diferentes equivalentes é o **valor**, expresso por meio do “**operador quantitativo**”¹⁰⁵ de cada uma delas (grifo nosso). Portanto, “o fato de serem dotadas de valor, de carregarem, portarem, ou possuírem valor”, de serem, por isso, mercadorias, “é que permite serem equivalentes entre si”. No exemplo adotado, o valor carregado pelas espécies, naquelas proporções, expressa a mesma quantidade de valor de cada uma delas.

Segundo a professora Leda Paulani, do exposto decorre que o **valor** de um produto, em Marx, na condição de “terceira dimensão” da mercadoria e também de elemento da sua conceituação, “não conseguindo se expressar por si mesmo, surge em uma **equação de troca**”¹⁰⁶.

104 Ibidem (videoaula, minutagem: 37min:39s e seguintes). Visto em 27.12.2020. Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes.

105 “Operador quantitativo” é o termo que Leda Paulani confere aos quantitativos de cada espécie mencionada no exemplo em destaque.

106 PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 34min:20s-34min:53s). Visto em 27.05.2021.

Nesse passo, “Marx conclui que mercadoria é **valor de uso e valor**, e não valor de uso e valor de troca, como definiu Adam Smith, embora a mercadoria apareça como valor de troca [numa “equação de troca”]” (grifo nosso). Para Marx valor de troca não é elemento definidor da mercadoria, sendo, pois, tão somente “a **forma necessária de expressão ou manifestação do valor**” (grifo nosso). Desse modo, considerando o exemplo em pauta, o conjunto de 20 varas de linho é representado por quatro valores de troca, possuindo quatro formas particulares de expressar o seu valor [1 casaco, 2 onças de ouro, ½ kg de café ou, ainda, 1 libra]”.¹⁰⁷

De acordo com os economistas soviéticos I. Lapidus e K. V. Ostrovitianov, reproduzindo o contido em *O capital*, “Na economia baseada na troca”, como a capitalista, “as mercadorias trocam-se, em geral e na maior parte, segundo o **valor trabalho**, quer dizer, segundo a **quantidade de trabalho necessário** à sua produção”.¹⁰⁸

Detalhando a categoria trabalho, com vistas a identificar a substância do valor trabalho, os referidos economistas, sempre ancorados em Marx, tratam das suas duas formas: **trabalho abstrato** e **trabalho concreto**. O trabalho considerado “na economia de troca, sob o ponto de vista do **gasto de energia humana**, chama-se **abstracto**” (grifo nosso). O trabalho considerado “sob o ponto de vista da forma **como se gasta a energia** chama-se **concreto**” (grifo nosso).¹⁰⁹

Os autores citados continuam suas reflexões afirmando:

“Os trabalhos dos diferentes ofícios, isto é, os trabalhos dos produtores de diferentes valores de uso [trabalho concreto], só se podem comparar entre si porque têm, do ponto de vista da economia de troca, algo em comum; todas as variedades de trabalho podem reduzir-se a um trabalho geral, a um gasto de energia humana [trabalho abstrato], independentemente da forma que este gasto de energia tome em cada caso”.

Desse modo, reproduzindo Karl Marx, concluem: se de um lado “o **trabalho abstracto** cria **valor**”, do outro “o **trabalho concreto** cria **valor de uso**”.

Nesse rumo, Leda Paulani afirma que “a **substância do valor** em Marx, na condição de herdeiro da economia política clássica britânica, mas avançando, é o **tempo de trabalho**” (grifo nosso), isto é, “o **tempo de trabalho abstrato socialmente determinado**, alocado ou embutido nos bens (tangíveis (materiais) e intangíveis (serviços)), sejam finais ou intermediários (matéria-prima e insumos))” (grifo nosso).¹¹⁰

É **tempo de trabalho socialmente necessário** porque “corresponde a determinadas condições de produção (tecnologia, matéria-prima disponível, infraestrutura de transporte etc.) em certo momento e sociedade, mensurado por um

107 Idem (videoaula, minutagem: 43min:25s-45min:54s). Visto em 27.05.2021.

108 LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital - Manual de Economia Política**. Capítulo I, item 6. Moscou-URSS: 1929. Acessado em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/01-06.htm>. Visto em 28.12.2020.

109 Idem (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

110 PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 54min:23s-1h:2min:48s). Visto em 31.05.2021 (Idem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

tempo médio/padrão de x horas de trabalho para produzir bens em geral”.

É **tempo de trabalho abstrato** porque “não se considera o trabalho de um setor específico (o trabalho do padeiro para produzir pão, por exemplo), mas sim o trabalho humano em geral, independente do setor produtivo a que se refere, igualando-se no dia a dia, entre si, diferentes tipos e complexidades de trabalho, reduzindo-se o trabalho complexo a trabalho mais simples”.

Visto que “toda sociedade e todo mercado faz isso a todo tempo, sendo, pois, uma abstração real, essa forma trabalho geral não leva em conta o trabalho concreto, uma forma específica de trabalho (trabalho do padeiro, do artesão etc.) segunda a qual esse tempo de trabalho é efetivado”.

A par do exposto, portanto, “o trabalho desenvolvido em um setor específico, que Marx denomina de trabalho concreto, gera tão somente valor de uso”, não gera o valor da mercadoria. O trabalho que produz valor, o trabalho que gera o valor econômico ou intrínseco da mercadoria, é tão somente o trabalho socialmente necessário dispendido na produção geral, denominado na teoria marxiana de trabalho abstrato.

Observe que nesta breve análise da forma mercadoria não fizemos, até o momento, menção à categoria “preço”. E sequer mencionamos porque o que nos interessa neste tópico é conhecer como Marx busca solucionar o problema da identificação do que contribui para o estabelecimento do valor das mercadorias, e que absolutamente, para ele, não é o preço – diferenciando preço de valor.

Feito este, até um pouco longo, introito, que entendemos como bastante útil para a compreensão do que exporemos a seguir, voltamos ao que interessa a Roman Rosdolsky no terceiro capítulo da Introdução de *Gênese*: o papel do valor de uso na economia marxiana e a questão metodológica envolvida.

Na apuração da questão, Roman traz à tona uma crítica de Marx ao sistema de David Ricardo, que, segundo narra, “aparece apenas nos *Grundrisse*: a de que, em sua economia, Ricardo abstrai o valor de uso, que ‘só se refere de modo obscuro’ a uma categoria tão importante, e que por isso, em sua obra, ela permanece reduzida a ‘um simples pressuposto’”. Tal crítica, ressalta-se, Rosdolsky estende para “numerosos seguidores do próprio Marx”, que comumente passaram a “prescindir do valor de uso nas construções econômicas”.¹¹¹

Considerando o que apontou o próprio Marx no sentido de que o valor de uso não determina o valor de uma mercadoria, embora seja determinante para qualificá-la

111 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 75. Entre as várias interpretações de marxistas acerca do papel do valor de uso na economia de Marx, consideradas por Rosdolsky como apartadas do pensamento marxiano, tomamos do autor de *Gênese*, como exemplo, aquela proferida pelo autor marxista estadunidense [Paul M. Sweezy](#) (1910-2004), em seu livro *A teoria do desenvolvimento capitalista* (1942), diz ele: “Marx exclui o valor de uso (ou, como agora seria chamada, a ‘utilidade’) da esfera da investigação da economia política, pois o valor de uso não expressa diretamente uma relação social. Marx observa estritamente a exigência de que as categorias econômicas devam ser categorias sociais, ou seja, categorias que representem relações entre os homens” (Idem, p. 76). Aliás, Rosdolsky, em decorrência de sua análise dos marxistas sobre essa questão, dispõe que “[...] Inadvertidamente, esses autores não seguem seu mestre Marx, mas sim [David] Ricardo, a quem ele criticou” (Ibidem, p. 77).

como tal, e que, por isso, em tese, digo eu, não deveria ser tratada como uma categoria econômica de determinação de valor, como então se justifica a crítica de Marx a Ricardo, como então, de acordo com as palavras de Rosdolsky, “[...] o valor de uso influi nas relações da economia burguesa [capitalista], baseada no valor de troca, e como ele se converte em categoria econômica”?¹¹²

Conforme Roman Rosdolsky, para Marx, ao contrário de David Ricardo e até mesmo da interpretação de muitos marxistas, o valor de uso é considerado uma **categoria econômica**, daí não ser correto prescindir-se dele na análise da economia política. Todavia, isso não acontece como regra. Em harmonia com o próprio Marx, há uma **condicionante** para tal consideração, qual seja: “quando”, o valor de uso, “ele mesmo **determina a forma** [da mercadoria]”¹¹³, o que ocorre unicamente quando esse conceito econômico do valor de uso surge da análise de uma **formação econômica historicamente dada**, a exemplo do que ocorre em alguns casos no modo de produção capitalista (como listaremos mais à frente), que é, na teoria marxiana, “um modo de produção social historicamente determinado”¹¹⁴. Vejamos o que assenta Marx com suas palavras e grifo nosso:

“Ser valor de uso parece ser uma **premissa necessária** para a existência da mercadoria, mas ser mercadoria parece ser uma determinação **indiferente** para o valor de uso. O valor de uso como tal, indiferente diante de qualquer determinação econômica formal, está além da esfera de observação da economia política. Só penetra nessa esfera quando ele mesmo determina a forma.”¹¹⁵

[...] Quando se analisa a ‘mercadoria’ – a manifestação econômica mais simples – é preciso deixar de lado todas as relações que nada têm a ver com o objeto analisado. O que se deve dizer da mercadoria como valor de uso, eu disse em poucas linhas, tendo destacado, por outro lado, a forma característica sob a qual o valor de uso – o **produto do trabalho** [ou o valor de uso “na medida em que é produto do trabalho”, como anota Roman Rosdolsky¹¹⁶] – aparece nela, a saber: ‘Uma coisa pode ser útil, e, além disso, produto do trabalho humano, e não ser mercadoria. **Cria um valor de uso, mas não uma mercadoria, aquele que satisfaz sua própria necessidade com o produto do seu trabalho.** Para produzir uma mercadoria, ele deve produzir **não só valor de uso**, mas valor de uso para outros, **valor de uso social**’. [...] Assim, o próprio valor de uso – como valor de uso de uma ‘mercadoria’ – tem um caráter **historicamente específico**”¹¹⁷. [...] Para mim, o valor de uso desempenha um papel importante, muito diferente do que

112 Ibidem, p. 91.

113 Ibidem, p. 76.

114 Ibidem, p. 78.

115 Ibidem, p. 76. Ou seja, digo eu, o valor de uso pode se expressar em qualquer objeto que satisfaça a necessidade de alguém, sem, contudo, ter-se que, obrigatoriamente, classificar esse objeto como uma mercadoria, no sentido econômico marxiano do termo. Dependendo da forma que assume, segundo Marx, o valor de uso deve ou não ser considerado como uma categoria econômica, deve ou não ser levado em conta pela economia política. Mais à frente, com um exemplo apresentado por Marx sobre duas diferentes formas de intercâmbio de um simples “casaco”, cremos que a questão ficará clarificada.

116 Ibidem, p. 499 (Nota 11).

117 Ibidem, p. 76 e 77.

desempenhou na economia até aqui [referindo-se, Marx, conforme Rosdolsky, à “economia de [Adam] Smith e [David] Ricardo”¹¹⁸], **embora só se possa levá-lo em conta quando essa consideração surge da análise de uma formação econômica dada**, e não de raciocínios tortuosos e conduzidos tendo como eixo os conceitos ou palavras ‘valor de uso’ e ‘valor’”¹¹⁹.

A par disso, Roman dispõe que “[...] Ao contrário dos [economistas] clássicos, todo o esforço teórico de Marx estava voltado para descobrir as ‘leis que regem o **surgimento**, a **existência**, o **desenvolvimento** e a **superação** de um determinado organismo social e sua **substituição** por outro, superior ao primeiro” (grifo nosso)¹²⁰. É com esse enfoque metodológico **histórico** e **dialético** que Rosdolsky busca compreender a referida crítica marxiana à Ricardo e o papel que Marx confere ao valor de uso¹²¹.

Sobre a forma de se descobrir essas leis, Roman Rosdolsky faz as seguintes indagações: “De que maneira a teoria pode conhecer essas leis, que só pretendem ter validade histórica? Como essas leis podem tornar-se compatíveis com as determinações econômicas gerais, aplicáveis a todas as épocas da sociedade?”. Na procura das respostas o autor de *Gênese* identifica por meio dos *Grundrisse* que “todas as épocas da produção [modos de produção] têm traços comuns”, em decorrência “do fato de que [em todas as épocas] o sujeito [a humanidade] e o objeto [a natureza] são os mesmos”. Nessa trilha, conclui: “Quando se enfatizam essas determinações comuns, é muito fácil ‘confundir ou eliminar as diferenças históricas, formulando leis aplicáveis aos homens em geral’”.¹²²

No entanto, conforme nos ensina Marx ainda nos *Grundrisse*, o desenvolvimento de um modo de produção que o leva a superar o anterior é o que precisamente o “diferencia desses elementos gerais e comuns”.

Do mesmo modo ocorre com a análise da economia política, na medida em que “deve investigar especialmente as leis da evolução da época capitalista, ‘para que a diferença essencial [entre a época capitalista e as antecedentes] não fique obscurecida’ e não se compreenda apenas o que une essa época e as determinações comuns anteriores”.

Continua o autor de *Gênese*,

“Na esfera da economia, o desenvolvimento está precisamente naquilo que expressa seu caráter especificamente social. ‘Na medida em que o processo de trabalho envolve homem e natureza, seus elementos simples são comuns a todas as formas sociais de desenvolvimento. Mas, cada forma histórica desse processo, no que tem de específico, desenvolve suas próprias bases materiais e formas sociais’. Essas formas sociais são – em oposição ao seu ‘conteúdo’, dado pela natureza – o mais importante. Elas constituem o elemento ativo que impele o processo para frente.

118 Ibidem, p. 499 (Nota 13).

119 Ibidem, p. 77.

120 Ibidem, p. 77.

121 Ibidem, p. 91 e 92.

122 Ibidem, p. 78. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e página referenciadas.

Com isso, Rosdolsky percebe uma distinção metodológica fundamental que Marx faz entre “forma” e “conteúdo” em economia¹²³. Nesse sentido, Roman Rosdolsky reproduz mais uma vez o que Marx prescreve: “As leis da natureza [o **conteúdo**] não podem ser revogadas. Nas diferentes circunstâncias históricas, o que se pode modificar é a **forma** sob a qual essas leis se impõem” (grifo nosso).

Essa distinção entre “forma” e “conteúdo”, segundo Roman, fundamenta a crítica marxiana a David Ricardo, e, a este, o autor de *Gênese* junta os marxistas que, na sua visão, prescindem de modo absoluto da consideração do valor de uso na análise da economia política.

Crendo assentado o papel importante que assume o valor de uso na economia marxiana, considerada a ressalva que o próprio Marx faz, conforme apresentada neste texto, podemos partir para o final desta exposição assinalando que para o filósofo revolucionário alemão, segundo Rosdolsky, “[...] as formas econômicas expressam **relações sociais dos indivíduos**, e graças a elas os diversos modos de produção são distinguíveis entre si” (grifo nosso). Assim preceitua o autor d’*O capital*:

“[...] Ora, se a questão é compreender o caráter específico de um modo de produção social, então são essas formas o que importa. Um casaco é um casaco. Mas, fazei o intercâmbio de uma certa forma e tereis a produção capitalista e a sociedade burguesa moderna; fazei de outra e tereis uma produção artesanal compatível com condições asiáticas ou medievais etc. No primeiro caso, o alfaiate produz não só um casaco; produz capital e, consequentemente, lucro; produz seu patrão como capitalista e a si próprio como trabalhador assalariado. Se [“ao contrário”, assinala Roman] encomendo a confecção de um casaco a um alfaiate que trabalha em minha casa, tendo em vista confeccionar um bem para meu uso, isso não me transforma em meu próprio empresário (no sentido de uma categoria econômica), nem tampouco em proprietário de empresa têxtil [...]”.¹²⁴

Como, para Marx, “as **formas sociais** da produção e da distribuição constituem, em sua especificidade, o verdadeiro objeto da análise econômica”, concluindo sobre o papel do valor de uso na economia marxiana, Rosdolsky assenta que “para julgar se o valor de uso tem significação econômica ou não, a referência é a **relação que ele estabelece com as relações sociais de produção**. Na medida em que influi nessas relações ou recebe sua influência, é uma **categoria econômica**. Mas, fora disso, em seu caráter meramente ‘natural’, está fora da esfera de considerações da economia política”, já que esta se ocupa das “formas sociais específicas da riqueza, ou, mais especificamente, da produção da riqueza” (grifo nosso).¹²⁵

123 Rosdolsky, citando o economista russo [Isaak Rubin](#) (1886-1937) anota que “no tocante à relação entre [conteúdo e forma](#) Marx adotou o ponto de vista de Hegel. [...] Do ponto de vista da filosofia de Hegel, o conteúdo não é, em si, algo ao que a forma adere ‘de fora’ [como entendia [Immanuel Kant](#) (1724-1804), segundo Isaak Rubin citado por Rosdolsky]. Ao contrário: através de seu desenvolvimento, o próprio conteúdo dá origem à forma que já estava latente nele. A forma surge do próprio conteúdo” (Ibidem, p. 500 (Nota 24)).

124 Ibidem, p. 78 e 79.

125 Ibidem, p. 79.

A riqueza, isto é, a “substância da riqueza – seja subjetiva, como o trabalho” que a produz, “seja objetiva, como os objetos voltados para satisfazer as necessidades naturais ou históricas [valor de uso ou utilidade] – perpassa todas as épocas”. Sempre vai haver alguém produzindo algo para satisfazer sua necessidade ou de terceiros. Em um primeiro momento “essa substância aparece [mesmo] como mero pressuposto, à margem de qualquer consideração da economia política”. Somente quando essa substância é modificada pelas relações formais, ou quando ela mesma modifica essas relações, é que ingressa na esfera da consideração da economia política, como já apurado.¹²⁶

Do ponto de vista da teoria do valor-trabalho de David Ricardo, conforme Rosdolsky, “o valor de uso dos produtos do trabalho, ou sua ‘utilidade’ não influencia a criação do valor¹²⁷. O valor de uso deve aparecer apenas como uma premissa para a possibilidade de realizar-se o intercâmbio” e, por isso, deve ser desconsiderado da análise da economia, como categoria econômica. Para David Ricardo, “a economia burguesa [capitalista] se ocupa apenas do valor de troca e só de forma obscura se refere ao valor de uso [...]”, considerando que “o valor de troca é a determinação preponderante”. Para Marx, como observamos, isso tudo é correto apenas parcialmente, até porque “o uso, naturalmente, não desaparece pelo fato de estar determinado só pela troca, embora desde logo esse fato fixe sua orientação” (grifo do autor).¹²⁸

Marx ensina que “[...]. O valor de uso desempenha um papel como categoria econômica. Onde o desempenha [...], em que medida o valor de uso, enquanto substância presumida, fica à margem da economia e de suas determinações formais, e em que medida entra nela, [...] isso depende do próprio desenvolvimento [das relações econômico-sociais]”.¹²⁹

A partir desse ponto, Roman Rosdolsky passa a descrever os casos onde, para Marx, “as relações formais da economia burguesa [economia capitalista] modificam o valor de uso ou nos quais ele intervém modificando essas relações formais, ou seja, nos quais ele mesmo se converte em ‘determinação formal econômica’”¹³⁰. Ou, de outra forma, casos em que o valor de uso é categoria econômica a ser considerada pela economia política.

A seguir reproduzimos dois dos casos elencados em *Gênese* em que o valor de uso se converte em determinação formal econômica, devendo, pois, ser levado em conta na análise da economia política – um deles ocorre no **processo de circulação simples**,

126 Ibidem, p. 79, 80. De acordo com outra passagem dos *Grundrisse*, apresentada em *Gênese*: “A primeira categoria sob a qual a riqueza burguesa se apresenta é a da *mercadoria*. A própria mercadoria aparece como unidade de duas determinações. É valor de uso, ou seja, objeto de satisfação para um sistema qualquer de necessidades humanas. Neste seu aspecto material, pode ser comum às épocas de produção mais díspares e sua análise fica além da economia política [primeira determinação]. [Entretanto] O valor de uso penetra na esfera desta disciplina quando as modernas relações de produção o modificam ou então quando ele intervém nelas, modificando-as [segunda determinação]” (grifo do autor) (Ibidem, p. 500 (Nota 30)).

127 Aqui, voltamos a chamar atenção para a diferença entre *valor* e *preço* e para a influência do *valor de uso* em um e noutro, atrelando-os ao movimento da *oferta* e *procura* (demanda). Mas só alertamos, pois veremos o tema “valor”, em sua substância, em momento específico deste nosso projeto de estudo.

128 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 80 e 81.

129 Idem, p. 81 e 82.

130 Ibidem, p. 82.

o outro acontece no **intercâmbio entre capital e trabalho**:¹³¹

- a) Observando o processo de **circulação simples** (ou processo “vender para comprar”¹³²), fazendo referência ao estágio do desenvolvimento da **forma-dinheiro da mercadoria**¹³³, Karl Marx observa que até mesmo aí “tal conversão se observa”. Ou seja, no desenvolvimento da forma-dinheiro da mercadoria o seu valor de uso modifica as relações econômicas formais, não se limitando a atuar como premissa para se realizar o intercâmbio (a troca), como valor de uso específico (de ser uma mercadoria específica produzida pelo trabalho humano). Como valor de uso específico não deve ser considerada categoria econômica. Como valor de uso que modifica as relações formais, deve ser considerada como categoria econômica. No caso da forma-dinheiro da mercadoria, o valor de uso atua também determinando as relações sociais de produção. Segundo Rosdolsky, o que Marx quer dizer com isso é que “de um lado, o dinheiro deve ser uma mercadoria, ou seja, [deve] ter um **valor de uso** relacionado à sua substância [valor de uso como suporte de valor]”, um valor de uso específico (grifo nosso)¹³⁴; de outro, significa que esse valor de uso está ligado a propriedades físicas [ou naturais/materiais [ouro e prata, por exemplo]] muito específicas da mercadoria-dinheiro, propriedades que a capacitam a cumprir sua função [de **equivalente geral de troca**]. É de se ressaltar

131 Entendemos que a exposição mais detalhada apenas desses dois casos são suficientes para bem ilustrar o posicionamento de Marx nessa questão.

132 Referindo-se ao *processo de circulação* na teoria marxiana, Leda Paulani (Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h:03min:05s-1h:08:54s). Visto em 19.05.2021) o ilustra como “um grande enredo onde trocas são permanentemente efetuadas (compras e vendas, vendas e compras, sucessivamente)”. Marx identifica inicialmente o processo de circulação em duas formulações, “vender para comprar” e “comprar para vender”: Em relação ao processo *vender para comprar* ou processo da *circulação simples*, para descrevê-lo, “Marx usa a sequência $M_{(a)} - D - M_{(b)}$ (onde M é igual a mercadoria e D é igual a dinheiro). Na descrição dessa sequência vê-se que o sujeito vende a mercadoria que está sob seu poder e que dela queira dispor ($M_{(a)}$), trocando-a por dinheiro (D), meio geral de troca ou forma geral do valor, com o fim de comprar uma outra mercadoria que deseja ($M_{(b)}$)”. Neste caso, “a mercadoria adquirida ($M_{(b)}$) sai do processo de circulação (esfera social) e ingressa na seara individual do adquirente (esfera privada), que a consome. A esse fluxo Marx denomina de ‘*circulação simples*’”. Quanto ao processo *comprar para vender*, para descrevê-lo “Marx usa outra sequência, $D - M - D'$ (onde também M é igual a mercadoria e D é igual a dinheiro, sendo que D' é igual ao dinheiro original acrescido de dinheiro ($D' = D + \Delta D$)). Detalhando tal sequência, temos que o sujeito, possuindo inicialmente dinheiro, compra uma mercadoria para vender, e não para consumir” – nesta hipótese, “para que a sequência tenha sentido, é necessário que no seu final o dinheiro original aplicado na aquisição de uma mercadoria para venda tenha um acréscimo ou expectativa de acréscimo”. E a este fluxo Marx denomina de “capital”, um “*movimento de valorização do valor*” (grifo nosso). Dito isso, a professora Leda Paulani observa necessário, com base na *lei da troca de equivalentes* (“valor se troca por valor igual”), que se analise os desdobramentos da última formulação acima (processo “comprar para vender”) para se conhecer como surgiu o valor D' , um valor adicional da mercadoria D . Em vista da lei da troca de equivalentes, “como o processo de circulação de mercadorias não gera valor, pois na esfera da circulação, no que se refere ao valor, toda mercadoria é igual à outra, seja de que espécie for, como então surge, no mesmo processo comprar para vender, uma mercadoria dinheiro D' – um valor adicional em relação ao valor da venda da mercadoria que originou esse adicional?”. Para o que nos interessa neste momento introdutório do nosso projeto de estudo, o disposto nesta Nota é suficiente como um primeiro contato com o tema. Retornaremos a ele com a amplitude que requer quando da abordagem centrada na teoria do valor-trabalho de Marx em momento específico deste projeto de estudo (Idem (videoaula, minutagem: 1h:8min:54s-1h:12min:06s). Visto em 19.05.2021).

133 Sobre a constituição da *forma-dinheiro da mercadoria*, veja o artigo de Fernando Maccari Lara, **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx** (in Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>. Consultado em 05.01.2022).

134 O que significa dizer que “o valor de uso carrega, transporta, o valor de um produto, mas não o determina” (PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 32min:30s e seguintes). Visto em 27.05.2021).

que na explicitação desse caso, Marx chama atenção para o contexto histórico que analisa: “Até este momento, das condições sobre as quais podemos falar [“circulação puramente metálica”, intervém Rosdolsky], essas exigências são satisfeitas em grau máximo pelos metais preciosos”. Desse modo, continua Roman, “[...] Graças às suas qualidades específicas, que a convertem em material exclusivo para o dinheiro, a mercadoria que cumpre a função de **equivalente geral** [de troca] pode **umentar** seu valor de uso: ‘Além de seu valor de uso específico como mercadoria específica’ [ouro e prata], passa a ter também um **valor de uso ‘universal’** ou **‘formal’** [valor de equivalente geral de troca]¹³⁵. ‘Esse seu valor de uso é, ele mesmo, **determinação formal**. Ou seja, surge do papel especial que ela [“mercadoria-dinheiro”, conforme intervém novamente Roman Rosdolsky] desempenha pela ação de todas as demais mercadorias sobre ela no processo de intercâmbio’¹³⁶. Aqui, ‘coincidem a modificação material e a formal, já que, no dinheiro, o próprio conteúdo pertence à determinação econômica formal’” (grifo nosso).¹³⁷

- b) Já no que se refere ao **intercâmbio entre capital e trabalho**, considerando “a circulação simples de mercadorias [processo vender para comprar] tal como ela se produz ‘na superfície do mundo burguês’”, tem-se que “no comércio varejista, então ‘um trabalhador e um milionário que comprem um pedaço de pão aparecem nesse ato como simples compradores, do mesmo modo como o padeiro se apresenta diante deles como simples vendedor [...]’”¹³⁸. No caso, o valor de uso da mercadoria pão adquirida pelo trabalhador e pelo milionário nada contém de especial, apenas satisfaz a necessidade individual de cada um, o que se apresenta em qualquer modo de produção e em qualquer época. “Do ponto de vista dessa determinação formal, o conteúdo e a quantidade de suas compras são indiferentes”. Porém, quando se passa “desse intercâmbio superficial

135 Isto é, valor de uso universal ou formal do dinheiro, aliás, “não relacionado a nenhuma necessidade individual real” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 501 (Nota 44).

136 Nas palavras da professora Leda Paulani (Idem (videoaula, minutagem: 45min:50s-48min:25s). Visto em 18.05.2021), *dinheiro* para Marx é “uma forma geral ou expressão geral do valor comum a todas as mercadorias. Quando o dinheiro se apresenta como ‘*equivalente geral*’ ele é uma espécie de língua [idioma] comum que todas as mercadorias adotam para dizer o seu valor, e assim se pode comparar uma mercadoria com outras mercadorias. O *preço*, por sua vez, é a expressão do valor na mercadoria que já funciona como dinheiro” (grifo nosso).

137 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 82. Um exemplo extraído de *Gênese* pode clarear a questão: “Na circulação simples de mercadorias, ‘a mercadoria A é trocada pelo dinheiro B, e este pela mercadoria C, destinada ao consumo (este era o objeto final do intercâmbio de A). O uso da mercadoria C (seu consumo) fica à margem da circulação e não afeta a forma da relação. Está situado mais além da própria circulação. Representa um interesse puramente material que só expressa uma relação do indivíduo, em sua condição natural, com um objeto de que ele necessita. O que será feito com a mercadoria C é uma questão exterior à relação econômica” (Idem, p. 83). Diferentemente ocorre com a mercadoria-dinheiro B, que possui uma expressão material (como valor de uso em si (a exemplo do ouro e prata)) e formal (como valor de uso universal, como valor de equivalente geral de troca), conforme explicitado no parágrafo em Nota.

Para efeito do momento em que nos encontramos em nossa “expedição”, não aprofundaremos a discussão ampliando-a para a forma-dinheiro contemporânea, sem lastro metálico, isto é, de caráter “imaterial”. Aqui, com o caso escolhido, preocupamos apenas em discutir um dos momentos em que o valor de uso deve ser considerado na análise das relações sociais de produção, na análise da economia política, segundo Marx.

138 A mercadoria B (dinheiro) do milionário e do trabalhador é trocada pela mercadoria C (pão) produzida pelo padeiro.

ao intercâmbio entre o capital e trabalho, que determina a essência do modo de produção capitalista”, diz Rosdolsky, “[...] Tudo muda [...]”. Na transação entre capital e trabalho, ao contrário do que ocorre na circulação simples no comércio varejista (a compra e venda do pão, por exemplo), “o valor de uso da mercadoria adquirida pelo capitalista (a força de trabalho) é a premissa do processo de produção capitalista e da própria produção capitalista”. Nesse intercâmbio, o capitalista, adquirindo do trabalhador a mercadoria força de trabalho, “troca uma mercadoria cujo consumo ‘coincide de maneira imediata com a objetivação do trabalho [incorporação do trabalho no produto final], e portanto com a criação de valor de troca’”. Aqui, ensina Marx, “o **valor de uso** da mercadoria [**força de trabalho**] que foi trocada pelo dinheiro [salário]” aparece “como **relação econômica particular** [do **modo de produção capitalista**]” (grifo nosso) e pertence “à determinação formal da economia, [...] pois nesse caso o valor de uso está determinado pelo valor de troca [...]”. Ora, em conformidade com o que assenta Rosdolsky, “[...] Se a criação da mais-valia – ou seja, o aumento do valor de troca do capital – decorre do valor de uso específico da mercadoria força de trabalho então a economia política deve relacionar a participação do trabalhador no produto-valor a um equivalente em meios de subsistência necessários para que sua vida se conserve. Ou seja, deve admitir-se que, no fundo, também essa participação é determinada pelo valor de uso [assim, o valor de uso da mercadoria força de trabalho incorporado no produto final produzido pelo trabalhador é uma espécie de **equivalente geral** para que esse produto possua valor de troca e seja vendido no mercado, digo eu]. Nesse caso, mais uma vez, a categoria valor de uso intervém e influi nas relações econômicas do modo de produção capitalista”. Digo eu novamente: como esse valor de uso da mercadoria força de trabalho produz mais-valia para o capitalista, ou seja, o salário pago ao trabalhador pela aquisição da sua força de trabalho é inferior ao valor que criou com o trabalho objetivado no produto final produzido por ele, a categoria valor de uso da mercadoria força de trabalho presente no intercâmbio entre capital e trabalho, premissa do processo de produção capitalista e da própria relação capitalista, influi decisivamente nas relações econômicas operadas em seu âmbito, e por isso deve ser considerado na análise da economia política, inclusive e principalmente também porque, como já assentado, a participação do trabalhador no produto-valor está relacionada a “um equivalente em meios de subsistência necessários para que sua vida se conserve”.¹³⁹

Em *Gênese*, são citados ainda outros exemplos onde o valor de uso se converte em determinação formal econômica, são eles: no processo de circulação do capital; no processo de reprodução do capital social global; quando da consideração da mais-valia (ou mais-valor) no processo real da reprodução social; na influência do valor de uso sobre a acumulação de capital, entre outros exemplos identificados por Roman.¹⁴⁰

139 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 82 e 83.

140 Idem, p. 83-85.

Concluindo a parte introdutória de *Gênese*, Roman Rosdolsky, em uma mensagem final, deixa à futura pesquisa marxista a decisão sobre o acerto ou desacerto do que defende e se o que extraiu dos *Grundrisse* sobre o tema ora exposto produzirá “uma revisão parcial das interpretações até hoje formuladas sobre a teoria de Marx”.¹⁴¹

Neste marco, damos como percorrido o trecho inicial da nossa “expedição” literária **Para ler *O capital***. Como já frisado, na Parte I da sua obra Rosdolsky ainda não se dedica ao conteúdo dos manuscritos *Grundrisse* propriamente ditos. Só o faz na Parte II em diante, etapa que passamos a percorrer e desvendar nos próximos folhetos.

Em vista da importância do tema geral “valor” para a sequência do nosso estudo, pano de fundo do capítulo três de *Gênese* que acabamos de reproduzir, sugerimos conferir o material complementar ao Folheto nº 02, disponibilizado na *Seção Principal - Artigos Expositivos da Bibliografia Econômica de Karl Marx*, item *Artigo Expositivo I*, deste Blog, relativo à videoaula ministrada pela professora Leda Paulani¹⁴², numa produção da TV Boitempo Editorial, intitulada “Teoria do Valor”.¹⁴³

141 Ibidem, p. 91.

142 Leda Maria Paulani (1954) é uma economista brasileira e professora titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Leda_Maria_Paulani. Consultado em 05.01.2022).

143 Folheto nº 02 – Material complementar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.
- ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.
- ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.
- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma analítica existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.
- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>.
- ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyjBHqnxRM0>.
- ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf>.
- BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.
- BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.
- BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.
- _____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio “Trent’Anni Doppo**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.
- BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.
- CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.
- CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx.** Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky.** Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista.** Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A7%C3%A3o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto.** Disponível em <http://www.sites.epsv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels.** Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução".** Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção.** Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características.** Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach.** Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação.** Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx.** Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital.** Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels.** Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho.** Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse.** São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch.** Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Palestra Introdução à leitura dos Grundrisse**(vídeo). Editora UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvQ>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/. em

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>. em

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf. em

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender *O capital*, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>. em

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>. em

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em *O Capital* de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky, Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de *O Capital* Manual de Economia Política**. Livro primeiro: O Valor Regulador do Regime de Produção de Mercadorias Capítulo I - O trabalho, base do valor Capítulo I, Item 6. Trabalho concreto e trabalho abstracto e Item 7. Trabalho individual e trabalho socialmente necessário. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf. em

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>. em

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>. em

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital. Livro II**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital. Livro III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão**. Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach**. HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida**. São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo. **200 anos de Engels – A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx.** Disponível em

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante.** Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho.** Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em

<https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético.** Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx.** Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação.** Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral.** Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital.** Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade.** Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia).** Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+ntropol%C3%B3gico>.

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo.** Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>.

_____. **Matéria.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/mat%C3%A9ria>.

_____. **Substância.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/subst%C3%A2ncia>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital.** Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia.** Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>. em

SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatie.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.

SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível.** Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>. em

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”**. Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático.** Disponível em <http://wwwp.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>. em

SITE FILOSOFIA. **História.** Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia). em

_____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

_____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggn.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-meszáros-em-para-alem-do-cap/>. em

SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia.** Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.

SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França.** Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>. em

SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia.** Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>.

SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **A ideologia alemã.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

_____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____. **Anais Franco-Alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%Bcher. em

_____. **Aristóteles.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.

_____. **A sagrada família.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)). em

_____. **Associação Internacional dos Trabalhadores.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. em

_____. **Axioma.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.

_____. **Baruch Espinoza.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.

_____. **Bruno Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.

_____. **Burguesia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

_____. **Capitalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.

_____. **Capitalismo Industrial.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>. em

_____. **Classe social.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

_____. **Cogito ergo sum.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.

_____. **Comuna de Paris.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.

_____. **Comunismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.

_____. **Contribuição à crítica da economia política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%ADtica. em

- _____. **Coruja de Atena.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **Democracia direta.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Dialética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adtica)).
- _____. **Ditadura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adfico. em
- _____. **Economia Clássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adtica. em
- _____. **Economicismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Feudalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fisicalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.
- _____. **Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Hegelianismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.

- _____. **História do comunismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Liga dos comunistas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adica>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em

- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Ópio do povo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%As_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial.
- _____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adfico>. em
- _____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.

- _____. **Sociedade comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista
- _____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente.
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado.
- _____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u m%20s%C3%B3.pol%C3%A2tica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin.
- _____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.
- _____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital.
- _____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha.
- _____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse s%20produtos%20tenha%20sido%20o.
- _____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.
- SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** Revista Eletrônica Arma da Crítica. São Paulo-SP: N. 04. 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.
- STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.
- TIBLÉ, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&lng=pt>.
- VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária.** Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.
- VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.
- VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiRm4ie94TyAhVzFrkGHR_PDI8QFjABegQIDxAD&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fnovosrumos%2Farticle%2Fdownload%2F8231%2F5290%2F27567&usq=AOvVaw.